

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ-UNIFAP
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

CARLOS ROBERTO RAMOS MOURA
GERSON GONZÁLEZ
ÍTALA CLÁUDIA SARAIVA COUTINHO

ESPAÇO PÚBLICO: ESTUDO PARA REVITALIZAÇÃO DA
PRAÇA FLORIANO PEIXOTO.

VOLUME I

MACAPÁ
2013

CARLOS ROBERTO RAMOS MOURA
GERSON GONZÁLEZ
ÍTALA CLÁUDIA SARAIVA COUTINHO

ESPAÇO PÚBLICO: ESTUDO PARA REVITALIZAÇÃO DA PRAÇA
FLORIANO PEIXOTO.

Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado ao Curso de Graduação em
Arquitetura e Urbanismo, na Universidade
Federal do Amapá (UNIFAP).

Orientação: Prof.^a Msc. Eloane de Jesus
Ramos Cantuária.

MACAPÁ
2013

CARLOS ROBERTO RAMOS MOURA
GERSON GONZÁLEZ
ÍTALA CLÁUDIA SARAIVA COUTINHO

ESPAÇO PÚBLICO: ESTUDO PARA REVITALIZAÇÃO DA PRAÇA
FLORIANO PEIXOTO.

Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado ao Curso de Graduação em
Arquitetura e Urbanismo, na Universidade
Federal do Amapá (UNIFAP).

Área de Concentração: Urbanismo

Data de Defesa: 20/03/2013

Resultado: _____

BANCA EXAMINADORA:

Eloane de Jesus Ramos Cantuária Prof^a. Msc. _____
Universidade Federal do Amapá

Aneliza Aneliza Smith Brito Prof^a. Msc. _____
Universidade Federal do Amapá

Anna Rachel Baracho E. Julianelli Prof^a. Msc. _____
Universidade Federal do Amapá

Dedicamos este trabalho às nossas famílias (inclusive à memória de nossos entes já falecidos) e amigos por tanto terem nos ajudado quando menos merecíamos, pois foi justamente quando mais precisávamos.

Agradecemos,

a Deus, pela vida, saúde, pelas pessoas que nos rodeiam e pela inspiração espiritual que nos tem permitido cumprir nossa jornada;

às nossas famílias de origem, pela formação ética e moral que nos proporcionou, sem as quais não teríamos tido indignação e reflexões suficientes à idealização e desenvolvimento do presente trabalho;

às nossas famílias, formadas a partir dos nossos casamentos, pois perseguindo uma maneira de sermos o exemplo de pai/mãe que se desigualava aos comuns pela sua obstinação para as superações, com ternura e sabedoria, conseguimos, por consequência chegar até aqui, e que por eles devemos continuar e ir mais longe;

à nossa Orientadora, Arquiteta e Prof^a. Msc. Eloane de Jesus Ramos Cantuária, pela orientação, firme e segura, pela postura ética, empenho, imparcialidade, competência e disposição: um exemplo;

às professoras da banca examinadora, Prof^a. Esp. Aneliza Smith Brito e Prof^a. Msc. Anna Rachel Baracho E. Julianelli pela confiança e gentileza da participação e pelas correções necessárias;

aos funcionários da Coordenação do Curso, da Biblioteca e Administração da UNIFAP, pela atenção e presteza com que sempre atenderam às nossas solicitações;

aos nossos amigos de todos os tempos, especialmente aos do período em que cursamos Arquitetura e Urbanismo;

a você, que de alguma forma participou deste trabalho, mas que, por uma imperdoável falha de nossa parte, não se viu nesta lista, a quem pedimos perdão e atribuímos igualmente nosso carinho e afeto.

Não me atrai a linha reta, dura, inflexível, criada pelo homem. O que me atrai é a curva livre e sensual que encontro nas montanhas do meu país, nas ondas do mar, no corpo da mulher preferida. (...) a ideia de simplicidade arquitetural é demagogia.

Oscar Niemeyer

ESPAÇO PÚBLICO: ESTUDO PARA REVITALIZAÇÃO DA PRAÇA FLORIANO PEIXOTO.

RESUMO - As praças são espaços públicos urbanos livres de edificações que têm a função de promover convivência sadia à população, oferecendo recreação e bem estar num ambiente agradável. No decorrer dos anos, muitas praças foram implantadas, reformadas ou extintas, a fim de adequar a cidade às necessidades dos usuários. A Praça Floriano Peixoto no município de Macapá, antes chamada por “Praça do Sapo”, possui um diferencial das outras praças da cidade, por sua forma e conteúdo, proporcionando usos diversos aos seus usuários, pelo conforto térmico bastante agradável aos seus frequentadores graças a sua grande abrangência de área verde e diversidade de espécies arbóreas, tendo como principais elementos visuais seus dois lagos. Desta forma este trabalho teve por objetivo fazer um levantamento histórico-cultural e paisagístico, bem como, fazer uma análise quali/quantitativa dos elementos arquitetônicos e da arborização da Praça Floriano Peixoto, uma das mais conhecidas da área central do município de Macapá, AP. Foi feita uma pesquisa de opinião, aplicada na praça em dias da semana e horários diferentes, por meio de 168 questionários com perguntas diretas aos entrevistados, que são os moradores e trabalhadores do entorno e usuários da Praça.

Palavras-chave: Praça, Espaço Público, Urbanismo.

ESPAÇO PÚBLICO: ESTUDO PARA REVITALIZAÇÃO DA PRAÇA FLORIANO PEIXOTO.

ABSTRACT - The squares are urban public spaces free of buildings that are meant to promote healthy living for the population, offering recreation and wellness in a pleasant environment. Over the years, many squares were implanted either retired or canceled in order to suit the needs of city users. The Praça Floriano Peixoto in the city of Macapa, formerly known as "Toad's Place", has a differential of other squares in the city, by its form and content, providing various uses for its users, the thermal comfort quite enjoyable thanks to its patrons his great breadth of green area and tree species diversity, with the main visual elements its two lakes. Therefore, this study aimed to survey historical and cultural landscape, as well as to analyze qualitative / quantitative architectural elements and afforestation of Praça Floriano Peixoto, one of the best known of the central area of the city of Macapa, AP. We conducted a survey applied in the square on week days and different times through 168 questionnaires with direct questions to respondents, who are residents and workers and users around the Square.

Keywords: square, public space, urbanism.

LISTA DE FIGURAS OU ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Ágora grega	22
Figura 2 - Reconstrução da Ágora de Atenas baseada em vestígios arqueológicos	23
Figura 3 - Esquema do Fórum romano	24
Figura 4 - Reprodução de como o Fórum Romano era na época imperial	24
Figura 5 - Vista da Piazza Vecchia–Bérgamo-Itália	26
Figura 6 - Vista nocturna de la Plaza Mayor-Madrid-Espanha	27
Figura 7 - Praça de São Marcos, Veneza-Itália	28
Figura 8 - Praça do Comércio – Lisboa – Portugal	29
Figura 9 - Central Park	30
Figura 10 - Vista aérea do Central Park-Nova Iorque-Estados Unidos	30
Figura 11 - Vista aérea del Royal Crescent e Circus Bath – Inglaterra.....	31
Figura 12 - Praça Zacarias – São Paulo – Brasil	32
Figura 13 - Schouwburgplein, em Roterdã – Holanda (projeto de Adrian Geuze e grupo - “West 8 Landscape Architects”)	33
Figura 14 - San Jose Plaza, em San Jose - Califórnia (projeto de reforma de George Hargreaves)	33
Figura 15 - Vista panorâmica do Louvre – Paris – França (2007)	34
Figura 16 – Praça municipal de Salvador – Bahia – Brasil	36
Figura 17 – Praça XV de Novembro – Rio de Janeiro – Brasil	37
Figura 18: a Praça dos Três Poderes	38
Figura 19: Ano 1960 - Praça Veiga Cabral, vendo-se à esquerda, em primeiro plano a casinha de telefone dos taxistas que faziam ponto na Praça da Matriz	39
Figura 20: Ano 1963 - Alunos saem das aulas no Grupo Escolar Barão do Rio Branco e caminham em direção à Praça com o mesmo nome	40
Figura 21: Aparelho de Ed. Física na Praça do Rio Branco e correios ao fundo	40
Figura 22 - Proposta para iluminação (projeto de revitalização 2009)	51
Figura 23 - Proposta para iluminação (projeto de revitalizaçã 2009)	51
Figura 24 - Foto da antiga Praça do Sapo, ano 1966	55
Figura 25 - Local da antiga Praça (ou Lagoa) do Sapo tendo ao fundo a caixa d’água da CAESA (1969)	56

Figura 26 - Praça Floriano Peixoto, o lago apresenta sua ambientação, uma vegetação nativa “mururé” e um meio de transporte da região “canoa”	56
Figura 27 - Praça F. Peixoto, em primeiro plano o paisagismo e em segundo plano pessoas contemplando o lago (1982)	56
Figura 28 - Praça Floriano Peixoto, circulação e o lago (1990)	56
Figura 29 - Pescaria, atividade desenvolvida na programação do dia do trabalhador (2012)	57
Figura 30 (a) - O ex-prefeito de Macapá, João Henrique ao lado da inauguração da placa de Paulo Tarso	58
Figura 30 (b) - Cortejo de inauguração das placas liderado pelo Prefeito de Macapá, João Henrique (camisa azul escura)	58
Figura 30 (c) - Fernando Canto, Paulo Tarso, Carla Nobre, ex-prefeito João Henrique e Alcinéa Cavalcante	58
Figura 31 - chafariz em funcionamento na revitalização de 2009	67

LISTA DE FOTOS

Foto 1 (a) - Conjunto de bancos no formato de semicírculo com três unidades com encosto, próximo ao açaiçal	59
Foto 1 (b) - Conjunto de bancos no formato de semicírculo com três unidades sem encosto, próximo ao trapiche	59
Foto 1 (c) - Conjunto de bancos no formato retangular com três unidades interligadas e uma unidade isolada, ambas sem encosto. Localizado próximo ao playground ..	59
Foto 2 - Iluminação alta da Praça Floriano Peixoto	60
Foto 3 - Iluminação média da Praça Floriano	60
Foto 4 - Iluminação baixa da Praça Floriano Peixoto	60
Foto 5 (a) - Lixeiras da Praça Floriano Peixoto	60
Foto 5 (b) - Lixeiras da Praça Floriano Peixoto no entorno do lago	60
Foto 6 – Telefone público da Praça Floriano Peixoto	61
Foto 7 (a) - Aspectos do caminhamento cimentado alisado da Praça Floriano Peixoto com lajota de cimento 50x50cm	62
Foto 7 (b) - Aspectos do caminhamento cimentado alisado da Praça Floriano Peixoto 50x50cm	62
Foto 8 – Aspectos do caminhamento cimentado alisado da Praça Floriano Peixoto.....	62
Foto 10 - Aspectos do caminhamento da Praça Floriano Peixoto cimentado alisado.....	62
Foto 11 - Aspectos do caminhamento com abertura para a vazão das águas pluviais.....	62
Foto 12 (a) – Caminho central da Praça	63
Foto 12 (b) - Traçado do caminho do entorno do lago	63
Foto 12 (c) - Traçado do caminho com acesso para área do trapiche	63
Foto 12 (d) - Aspecto do traçado dos caminhos da Praça, vindo do estacionamento da Rua General Rondon	63
Foto 12 (e) - Aspecto do traçado do caminho da Praça próximo ao playground	63
Foto 12 (f) - Aspecto do traçado do caminho na parte central da Praça	63

Foto 13 - Pista de Patinação da Praça Floriano Peixoto	64
Foto 14 – Lago da Praça Floriano Peixoto	64
Foto 15 (a)– Lago da Praça Floriano Peixoto detalhe do tubo de ligação dos lagos	65
Foto 15 (b)– Lago da Praça Floriano Peixoto presença de lixo nos lagos	65
Foto 16 – Aspecto esverdeado da água do lago da Praça Floriano Peixoto	65
Foto 17 - Trapiche da Praça Floriano Peixoto	65
Foto 18 (a). Aspecto do piso do trapiche da Praça Floriano Peixoto	66
Foto 18 (b) - Aspecto da estrutura do trapiche da Praça Floriano Peixoto	66
Foto 18 (c). Aspecto da estrutura do trapiche da Praça Floriano Peixoto	66
Foto 18 (d). Aspecto da estrutura do trapiche da Praça Floriano Peixoto	66
Foto 18 (e). Aspecto da estrutura do trapiche da Praça Floriano Peixoto	66
Foto 18 (f). Sinais da presença de moluscos no lago da Praça Floriano Peixoto ...	66
Foto19 (a) – Situação atual dos pedalinhos da Praça Floriano Peixoto	67
Foto19 (b) - Aspecto dos pedalinhos da Praça Floriano Peixoto	67
Foto 19 (c) - Água parada nos pedalinhos da Praça Floriano Peixoto	67
Foto 20 (a) - Aspecto do Playground da Praça Floriano Peixoto, brinquedo sem manutenção.	68
Foto 20 (b) - Aspecto do Playground da Praça Floriano Peixoto, brinquedo sem manutenção, parte do escorregador no chão	68
Foto 20 (c) - Aspecto do Playground da Praça Floriano Peixoto, brinquedo sem manutenção, detalhe do topo da escada do escorregador	68
Foto 20 (d) - Aspecto do Playground da Praça Floriano Peixoto, brinquedo sem manutenção, falta do acento no balanço	68
Foto 20 (e) - Aspecto do Playground da Praça Floriano Peixoto, brinquedo sem manutenção, detalhe da gangorra	68
Foto 20 (f) - Aspecto do Playground da Praça Floriano Peixoto, detalhe de brinquedo sem manutenção	68
Foto 21 (a) - Aspecto do estacionamento da praça com acesso pela Rua Raimundo Ozanan de Souza	69

Foto 21 (b) - Aspecto do estacionamento da praça com acesso pela Rua General Rondon	69
Foto 22 - Aspecto do estacionamento da praça com acesso pela Av. Antônio Coelho de Carvalho	69
Foto 23 (a) – Rampa de acessibilidade esquina Av. Antônio Coelho de Carvalho com a rua Raimundo Ozanan de Souza	70
Foto 23 (b) - Rampa de acessibilidade esquina Av. Pedro Baião com a rua Raimundo Ozanan de Souza	70
Foto 23 (c) - Rampa de acessibilidade esquina Av. Pedro Baião com a rua General Rondon	70
Foto 23 (d) - Rampa de acessibilidade acesso pela Av. Pedro Baião	70
Foto 24 – Calçadas sem estrutura para o transito de pessoas com necessidades especiais	70
Foto 25 – a delimitação das calçadas dificulta o trânsito de pessoas na Praça	70
Foto 26 (a) – Identificação das rampas para deficientes físicos	71
Foto 26 (b) – Placas na esquina com a identificação das ruas/avenidas	71
Foto 27 (a) - Aspecto da sinalização da Praça Floriano Peixoto	71
Foto 27 (b) - Aspecto da sinalização da Praça Floriano Peixoto	71
Foto 28 (a) – Área de estacionamento proibido	72
Foto 28 (b) - Área de estacionamento proibido ilegível	72
Foto 28 (c) – Sinalização de pare na rua está ilegível	72
Foto 29 (a) - Banca de Revista da Praça Floriano Peixoto	72
Foto 29(b) - Banca de Revista da Praça Floriano Peixoto com sinais de abandono	72
Foto 30 (a) - Frente do “Trailer” de lanches localizado na Praça Floriano Peixoto....	73
Foto 30 (b) - Fundos do “Trailer” de lanches localizado na Praça Floriano Peixoto..	73
Foto 31 (a) – Aspectos da arborização, concentração próximo ao ringue de patinação	74
Foto 31 (b) - Aspectos da forração sem a incidência do sol	74
Foto 31 (c) – Variação de vegetação, açcaizal próximo ao lago	74
Foto 31 (d) - Canteiro que compõe o paisagismo da Praça Floriano Peixoto	74

Foto 31 (e) - Canteiro que compõe o paisagismo da Praça Floriano Peixoto	74
Foto 31 (f) - Aspectos da forração do piso e o canteiro delimitado com pneu e sem manutenção da vegetação	74
Foto 32 (a) – Lixo deixado na praça e sem coleta	75
Foto 32 (b) – Lixo deixado por usuários da praça	74
Foto 33 – Lixo produzido pelo meio e deixado por usuários	74
Foto 34 (a) - Aspectos da praça com entulho no caminhamento no entorno do lago, após o processo de limpeza e conservação	75
Foto 34 (b) - Aspectos da praça com entulho no estacionamento, após o processo de limpeza e conservação	75
Foto 34 (c) - Aspectos da praça, após o processo de limpeza e conservação	75
Foto 35 – Guarita destinada a Guarda Municipal de Macapá	76
Foto 36 – Arborização e paisagismo da praça	76

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Frequentadores da praça entrevistados	77
Gráfico 2 - Frequência na praça	78
Gráfico 3 - Horário que frequentam a praça	78
Gráfico 4 - O uso da praça	79
Gráfico 5 - Aspectos positivos da Praça Floriano Peixoto elencados pelos entrevistados	79
Gráfico 6 - Aspectos negativos da Praça Floriano Peixoto elencados Pelos Entrevistados	80
Gráfico 7 – Segurança	80
Gráfico 8 - Estrutura Física Da Praça Floriano Peixoto	81

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	18
1 ESPAÇO PÚBLICO: A GÊNESE DA PRAÇA	20
1.1 A ETIMOLOGIA E A GÊNESE DO ESPAÇO PÚBLICO.....	20
1.2 O PAPEL DA PRAÇA NO DESENHO DA CIDADE	21
1.2.1 O Espaço Público na Idade Clássica: A Ágora Grega e o Fórum Romano.....	21
1.2.2 A Praça na Idade Média	25
1.2.3 A Praça Maior	27
1.2.4 A Praça na Renascença	27
1.2.5 A Praça Barroca	28
1.2.6 A Praça Neoclássica	29
1.2.7 A Praça Industrial	31
1.2.8 A Praça Contemporânea	33
1.3 AS PRAÇAS NAS CIDADES BRASILEIRAS.	35
1.4 PRINCIPAIS PRAÇAS DE MACAPÁ	38
2 A PRAÇA NA CONTEMPORANEIDADE	41
2.1 O espaço público e a praça contemporânea.....	41
2.2 A importância do espaço público no planejamento das praças.....	44
2.3 A relação do espaço público com as áreas verdes no planejamento das praças.....	46
2.4 A relação do espaço público com os mobiliários urbanos no planejamento das praças.....	47
2.5 A relação do espaço público com a mobilidade urbana no planejamento das praças.....	48
2.6 A relação do espaço público com a acessibilidade no planejamento das praças.....	48
3 A PRAÇA FLORIANO PEIXOTO	50
3.1 Localização	51
3.2 Levantamento histórico.....	52
3.3 Levantamento quali/quantitativo paisagístico.....	52
3.4 Levantamento quali/quantitativo dos elementos arquitetônicos.....	53
3.5 Levantamento da localização da vegetação.....	54
3.6 Levantamento planimétrico.....	54
3.7 Pesquisa de opinião.....	54
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	55
4.1 Localização da Praça Floriano Peixoto	55
4.2 Levantamento histórico da Praça Floriano Peixoto.....	55
4.3 Análise quali-quantitativa dos elementos arquitetônicos.....	58

4.4 Análise quali-quantitativa da arborização.....	77
4.5 Levantamento planimétrico.....	77
4.7 Pesquisa de opinião.....	77
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	81
6 REFERÊNCIAS	83
7 ANEXOS	87
7.1 Anexo II – Formulário para levantamento quantitativo dos elementos arquitetônicos da Praça Floriano Peixoto, Macapá – AP (adaptado De Angelis et al., 2004	87
7.2 Anexo II – Formulário para levantamento qualitativo dos elementos arquitetônicos da Praça Floriano Peixoto, Macapá – AP (adaptado De Angelis et al., 2004	88
7.3 Anexo III - Questionário para transeuntes e usuários da Praça Floriano Peixoto, Macapá – AP (adaptado de De Angelis et al., 2004	89

INTRODUÇÃO

As praças são espaços livres, públicos e urbanos, de manifestação social, cultural e política, destinadas ao lazer e ao convívio da população. Atualmente, apesar do caráter ecológico-ambiental da sociedade contemporânea, esses espaços tiveram suas funções usurpadas por espaços que atendem as necessidades da globalização tecnológica. Esse fenômeno é observado em muitas cidades brasileiras, onde a função das praças de promover lazer, aproximar e reunir as pessoas, tem se perdido ao longo dos tempos, relegadas ao abandono e ao esquecimento pelo poder público e pela população local.

Estudar e levantar questões sobre as praças é de grande benefício à cidade, principalmente quando proporciona material para discussão e reflexão entre a população local, podendo resultar no resgate de sua valorização como elemento constitutivo da cidade, assim como a um possível replanejamento das mesmas, adequando-as às necessidades dos usuários, conforme comprovado pelos estudos das praças brasileiras feitos por De Angelis et al. (2005), Gimenes (2010), Alex (2008) e Caldeira (2007).

Este passa a ser o ponto focal desta pesquisa, que pretende analisar a Praça Floriano Peixoto, considerando seu uso e sua apropriação pelos diversos agentes sociais, além de suas funções coletiva e multifuncional, integradas à acessibilidade, buscando responder a questão sobre sua significação na representação social cotidiana da sociedade macapaense e se possui integração com o seu entorno, a partir da investigação dos seus usos e acessos atuais, da observação do processo de construção dos sentidos sociais como espaço público, da identificação dos conflitos entre seu projeto e sua utilização, abordando-a como lugar de sociabilidade, de convivência e conjunto indissociável das formas assumidas pelas práticas sociais.

A pesquisa em questão foi distribuída em quatro capítulos: I - Espaço Público: a gênese da praça, aborda a evolução da concepção da praça enquanto espaço público desde a Grécia e Roma até os dias atuais; II - A Praça na Contemporaneidade, aborda a relação da praça enquanto espaço público com as áreas verdes, mobiliários urbanos, mobilidade urbana e acessibilidade; III - A Praça

Floriano Peixoto, descreve os procedimentos metodológicos utilizados para levantamento histórico e documental, para análise quali-quantitativa dos elementos arquitetônicos e físicos, para entrevista dos moradores e transeuntes; IV - Resultados e Discussão.

O referido estudo culmina numa proposta de intervenção na Praça Floriano Peixoto, que a torne mais atrativa como espaço de lazer e de convívio social, a partir de alternativas direcionadas para ampliação e intensificação de seu uso, facilidade de acesso e para sua integração com o entorno e com o tecido urbano de Macapá.

I ESPAÇO PÚBLICO: A GÊNESE DA PRAÇA

1.1 A ETIMOLOGIA E A GÊNESE DO ESPAÇO PÚBLICO

A história das praças está diretamente ligada à definição de espaço público e à evolução histórica do paisagismo. Atualmente, esses espaços são marcados pela liberdade de formas, privilegiando o lazer e o bem-estar, dando importância também ao caráter ecológico-ambiental (PIVETTA, 2008).

Para Alex (2008), a palavra “público” indica que esses locais são abertos e acessíveis, sem exceção, a todas as pessoas, assumindo inúmeras formas e tamanhos, abrangendo lugares designados ou projetados para uso cotidiano, cujas formas mais conhecidas são as ruas, as praças e os parques. Sendo o lugar de encontro dos indivíduos uns com os outros e, também, de encontro com a sua própria cidadania, permitindo desenvolver e consolidar a sua vida em comunidade.

De Angelis et al (2005) afirmam que na estrutura urbana o espaço público apresenta diversas tipologias, que se destacam e se distinguem entre si, pelas suas características físicas e pelas relações que as pessoas estabelecem com esse espaço, que se alterou no decorrer do tempo.

De acordo com Alex (2008), a praça não é apenas um espaço físico aberto, mas também um centro social integrado ao tecido urbano, portanto é um lugar de convívio social inserido na cidade e relacionado às ruas, arquitetura e pessoas. Portanto, a praça pode ser considerada como espaço livre, público, urbano, de manifestação social, religiosa, cultural e política, destinado ao lazer e ao convívio da população. Neste contexto, para Lamas (2007) a praça é o lugar intencional do encontro, da permanência, dos acontecimentos, das práticas sociais, de manifestações da vida urbana e comunitária e, conseqüentemente, de funções estruturantes e arquiteturas significativas.

A praça é, em sentido amplo, o espaço para a troca, por isso que para Souza (2005) as praças são unidades urbanísticas fundamentais para a vida urbana, onde o seu modo de tratamento e uso indicam o nível de civilidade de seus usuários

e o exercício dos direitos e deveres de cidadania nela vivenciados. É pelo uso que as pessoas fazem de uma praça um espaço importante para o seu dia-a-dia e seu convívio social. Concordando com esse ponto de vista, Caldeira (2007) alega que a praça sustenta um patrimônio rico em história, cultura, tradição e saber sobre a cidade como local de identidade. Assim, em relação à praça, pode-se entender a função, o significado e o valor que ela representava em nível ambiental, social, econômico e cultural da cidade.

A praça como espaço é um conjunto indissociável entre um sistema de objetos e um sistema de ações. Neste sentido, De Angelis et al (2005) defendem que a praça é o espaço da memória histórica que forneceu tanto a moldura quanto o fundo para discursos políticos e culturais sobre a cidade como local de identidade, de tradição, de saber, de autenticidade, de continuidade e estabilidade. Portanto, a praça qualifica-se a partir da natureza dos eventos que nela ocorrem.

1.2 O PAPEL DAS PRAÇAS NO DESENHO DA CIDADE

1.2.1 O Espaço Público na Idade Clássica: A Ágora Grega E Fórum Romano

O espaço público é um elemento urbano muito antigo, com sua origem nas chamadas “ágoras” - praças centrais da cidade grega na antiguidade clássica, onde se manifestava a cidadania e ocorriam manifestações políticas no século VI a.C. Talvez os primeiros espaços urbanos que tenham sido intencionalmente projetados para cumprirem o papel que hoje é dado às praças sejam a ágora, para os gregos, e o fórum, para os romanos. Ambos possuíam um aspecto simbólico bastante importante na cultura de cada um dos povos, pois materializavam a ideia de público, a partir de um espaço específico.

a) A Ágora

A ágora era a praça principal na constituição da pólis, a cidade grega da Antiguidade clássica. Enquanto elemento de constituição do espaço urbano, a ágora manifestava-se como a expressão máxima da esfera pública na urbanística grega.

Porto (2013) afirma: “a palavra *ágora* se originou do verbo *agorien*, que no século VIII a.C significava *discutir, deliberar, tomar decisões*; mas com o passar dos

séculos seu sentido foi mudando e já no século IV a.C *agorien* significava *comprar*". Na sua forma mais simples, a ágora pode ser definida como uma grande praça aberta utilizada para funções públicas.

Esta “*praça*” pública se caracterizava como um espaço construído, permanente e fixo, delimitado por edificações de caráter público e circundada por longas *stoai*, largos pórticos ou colunata aberta, que protegem o visitante do frio e do calor ao mesmo tempo em que traziam luz e ar, abertos ao público, ocupando importante função social na vida da cidade, pois eram nesses locais que os cidadãos se encontravam para diversas atividades: religiosas, assembleias, festivais, eleições, competições atléticas, desfiles, mercados, discutir negócios, política ou filosofia.

Figura 1 - Ágora grega



Fonte:

http://sarauagoraoficial.blogspot.com.br/2010_05_01_archive.html

Acesso:15/01/2013

A ágora tornou-se o centro da pólis, pois os edifícios públicos da cidade foram sendo construídos ao redor do lugar onde as pessoas frequentemente se encontravam, tornando-a o coração da cidade, por sua função religiosa, social, comercial, judicial, legislativa e administrativa.

As primeiras *ágoras* eram abertas para a comunidade e o acesso era livre. No entanto, apesar da *ágora* ter surgido como um espaço aberto aos poucos foi se fechando, pois, com o passar do tempo a cidade antiga foi se organizando e esta passou a ter um tamanho delimitado de acordo com os quarteirões e o plano ortogonal (CASTELLAN, 2013).

Figura 2 - Reconstrução da Ágora de Atenas baseada em vestígios arqueológicos



Fonte: www.paideuma.net
 Acesso: 15/01/2013

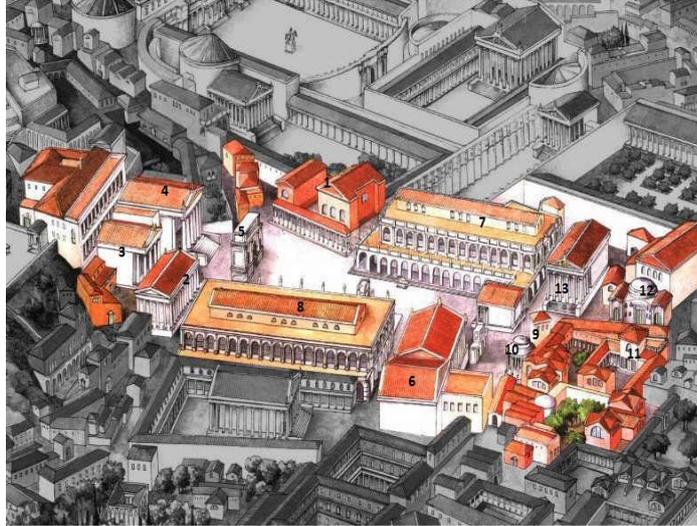
De maneira geral, uma ágora típica era o ponto focal da vida pública de uma cidade-estado grega, podendo ser considerada a precursora do fórum imperial romano, das grandes “piazas” e praças das capitais da Europa.

b) O Fórum

O fórum romano foi outra praça que surgiu na antiguidade clássica. Segundo Caldeira (2007) a sua origem remonta ao tempo em que a cidade de Roma era formada pela união de diversas tribos estrangeiras que se reuniam num espaço comum, o fórum.

O fórum romano, como praça central difere da ágora pelo traçado mais complexo, ou seja, menos regular, e pelos vários edifícios que compunham a praça, cujos usos eram diversificados (a basílica, o mercado, os templos e o teatro) e cuja implantação não assentava numa regra de relação formal entre os edifícios. Diferentemente da ágora grega, o fórum era configurado por imponentes edifícios públicos que representavam a monumentalidade do Estado.

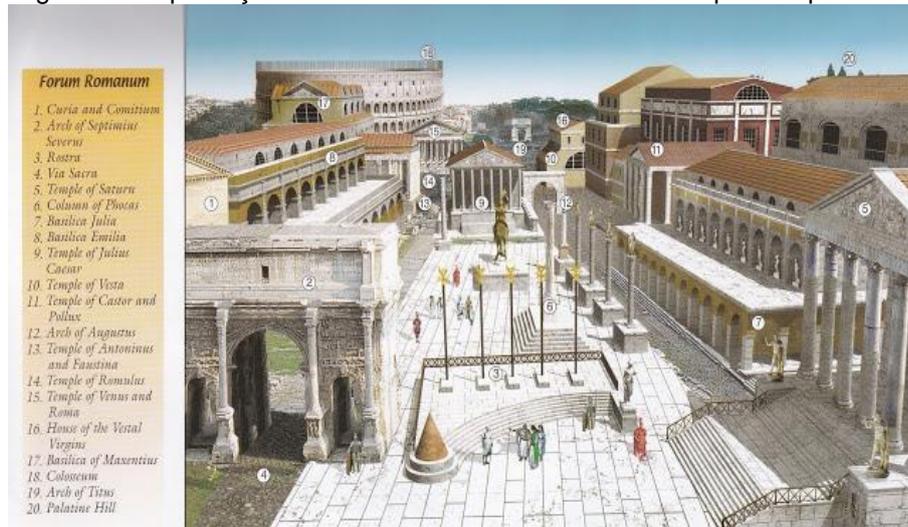
Figura 3 - Esquema do Fórum romano



- 1 - Curia
- 2 - Templo de Saturno
- 3 - Templo de Vespasiano
- 4 - Templo da Concórdia
- 5 - Arco de Sétimo Severo
- 6 - Templo de Castor e Pollux
- 7 - Basílica Aemilia
- 8 - Basílica Giulia
- 9 - Regia
- 10 - Templo da Vesta
- 11 - Casa das Vestais Virgens
- 12 - Templo de Rômulo
- 13 - Templo de Antoninus e Faustina

Fonte: <http://milhasapercorrer.blogspot.com.br/2012/02/um-tour-pelo-forum-romano.html>
Acesso:15/01/2013

Figura 4 - Reprodução de como o Fórum Romano era na época imperial



Forum Romanum

1. Curia and Comitium
2. Arch of Septimius Severus
3. Rostra
4. Via Sacra
5. Temple of Saturn
6. Column of Phocas
7. Basilica Julia
8. Basilica Emilia
9. Temple of Julius Caesar
10. Temple of Vesta
11. Temple of Castor and Pollux
12. Arch of Augustus
13. Temple of Antoninus and Faustina
14. Temple of Romulus
15. Temple of Venus and Roma
16. House of the Vestal Virgins
17. Basilica of Maxentius
18. Colosseum
19. Arch of Titus
20. Palatine Hill

Fonte: <http://meuobservatorio.blogspot.com.br/2011/12/quem-tem-boca-vai-roma-e-quem-tem-olhos>.

Acesso:15/01/2013

O fórum romano era o centro comercial da Roma imperial. Nele localizavam-se as lojas, praças de mercado e locais para assembleias dos civitas ou ainda, cidadãos. Caldeira (2007) sugere ainda que, inicialmente, ocorriam também no fórum outros tipos de atividades: atléticas e gladiatórias.

A importância da praça romana enquanto espaço público urbano sustentava-se por ser um espaço multifuncional. Espaço onde os cidadãos romanos se

encontravam para discutir ideias, comercializar, assistir a jogos, adorar deuses ou simplesmente passear, caracterizado por seus variadíssimos usos e cuja forma era menos regrada e, portanto, mais espontânea em comparação com a praça grega.

No entanto, Caldeira (2007) ressalta que durante o Império Romano, o fórum foi sofrendo mudanças significativas em nível formal e no seu uso. Próximo do século IV a.C., o comércio e os jogos foram afastados do fórum. O comércio foi levado para uma nova praça, longe do centro da cidade, e para os jogos foram criados locais próprios como o circo e o coliseu. Enquanto espaço físico, o fórum foi alvo de cuidados de ornamentação onde estátuas, novos templos e monumentos tentaram instaurar na praça certa ordem e equilíbrio.

O fórum romano representava em si mesmo a monumentalidade do Estado, sendo que o indivíduo que por ele passasse estava espacialmente subordinado aos enormes prédios públicos que o configuravam. Diferenciava-se da ágora na medida em que o espaço de discussões políticas não mais era a praça pública, aberta, mas o espaço fechado dos edifícios, nos quais a penetração era mais restrita.

1.2.2 A Praça na Idade Média

A praça medieval também assumiu um papel dominante na vida pública urbana. A este respeito, Caldeira (2007) descreve a praça como espaço de vocação social, lugar de mercado, ponto de reunião política e espaço destinado a espetacularização do cotidiano, onde o privado assume deliberadamente um carácter público, e reforça esta ideia afirmando que a civilização medieval desconhece o sentido de privado, ou seja, toda a ação social ou cultural é pública, ao contrário da cultura moderna onde é tão clara a noção de privado.

Lamas (2007), ao se referir à estrutura física da praça, a define como um espaço que se abre espontaneamente no tecido urbano e apresenta normalmente uma forma irregular. Caldeira (2007) complementa esta definição entendendo-a como um vazio dentro das muralhas da cidade com um sentido multifuncional que reúne as diversas funções da comunidade coletiva no âmbito civil.

Figura 5 - Vista da Piazza Vecchia—Bérgamo—Itália



Fonte: <http://viagem.uol.com.br/album/2012/11/23/conheca-as-atracoes-de-bergamo-na-italia.jhtm#fotoNav=1>
Acesso: 23/01/2013

No que diz respeito à classificação das praças medievais surgem várias teorias. Segundo a sua função, Lamas (2007) faz uma distinção do tipo de praças medievais: a praça do mercado e a praça da igreja, cujas funções e localizações no tecido urbano são diferentes. Quanto às categorias Zucker apud (1959) agrupa as praças em cinco: adro da igreja, praça como centro da cidade, praças agrupadas, praças da entrada da cidade e praças de mercado. As praças, para Chiusoli (1995), são classificadas em três grupos: religiosa, cívica e de mercado. Porém, segundo a teoria de Lamas (2007), a praça medieval assumia várias funções consoantes às necessidades da comunidade local. Neste sentido, utilizavam as praças para administrar e aplicar justiça, nas celebrações religiosas e nos dias de mercado e feira.

Na Idade Média a praça era o centro de troca de bens e informação, onde se fazia justiça ou celebrações. Constituía um ambiente de encontro, aonde se disseminava o comércio livre e familiar, fator determinante da cultura popular da época. Desenvolvia-se, ali, uma comunicação coloquial, distinta daquela linguagem rebuscada falada pelas classes dominantes tais como os membros do clero, da corte, dos tribunais e instituições públicas, por ser palco para a tradição literária das justas cavaleirescas, assim como resguardava, por outro lado, as satíricas canções de escárnio e maldizer, críticas e grotescas, de cavaleiros reprimidos. Autores eruditos de sermões, entretanto, dependeram direta ou indiretamente, dos jograis e menestréis das praças públicas para a difusão de suas histórias.

1.2.3 A Praça Maior

As praças maiores surgem no urbanismo espanhol do século XIII como um elemento central, segundo Goitia (2006), elas têm origem nas inúmeras praças medievais de espaço fechado. Caldeira (2007) afirma que, durante o século XIV, a função primordial desta praça, que era o comércio, adicionou outro tipo de atividade de âmbito social e, com o decorrer do século XV, a praça maior começou a receber grandes espetáculos tais como as touradas e os torneios, mercado semanal, danças, autos sacramentais e de fé. Durante o período renascentista, a praça maior adquiriu uma forma mais regular, bem definida pelas quatro fachadas que tão caracteristicamente delimitavam este tipo de praças (GOITIA, 2006), o que faz realçar o sentido recluso que estas praças urbanas têm e a grande tendência que apresentavam em fugir às vias de circulação, podendo ser comparadas aos pátios fechados das mesquitas.

Figura 6 - Vista noturna de la Plaza Mayor-Madrid-Espanha



Fonte: http://de.wikipedia.org/wiki/Datei:Plaza_Mayor_de_Madrid_03.jpg
Acesso: 23/01/2013

1.2.4 A Praça na Renascença

Caldeira (2007) afirma que as praças até o Renascimento, não eram vistas como parte integrante do tecido urbano, apesar de se constituírem como espaços vazios de mercado, de encontro e reunião.

A partir da praça renascentista, utilizou-se do artifício da perspectiva e do sentido de embelezamento e ornamentação das cidades com o intuito de dar

suntuosidade, desde então foi possível classificá-la como espaço público pertencente à estrutura urbana.

As praças chegaram ao seu ápice, no período do Renascimento, pois com o surgimento dos planos e das cidades ideais renascentistas, surgiram paralelamente às praças ideais. A partir deste momento, diferentemente dos outros períodos anteriores, a praça não era só mais um vazio no espaço urbano, mas um lugar especial e de destaque no traçado urbano.

Figura 7 - Praça de São Marcos, Veneza-Itália



Fonte: <http://www.vamosparaitalia.com.br/veneza.html>
Acesso: 23/01/2013

A praça possuía no renascimento uma simbologia especial, porque era concebida sempre em conjunto com alguma escultura ou obra arquitetônica, e possuía a função de destacar o monumento. Ou seja, a praça fazia parte de um todo, unificando o espaço público com a arquitetura e o urbanismo.

1.2.5 A Praça Barroca

A praça barroca difere da praça renascentista por valorizar a monumentalidade do espaço e relegar ao segundo plano seu lado funcional. Outro fator a ser considerado é que a praça renascentista desempenhava as funções sociais e comerciais, enquanto a praça barroca, segundo Caldeira (2007) retirava as atividades econômicas da praça e preenchia o vazio com árvores e bancos. Lamas (2007) corrobora essa posição ao afirmar que a praça barroca assume um grande valor de ornamentação de tal ordem que, para a composição do espaço, recorre ao poder da emoção para comover e a render as mais altas expectativas do utilizador.

Goitia (2006) afirma que as exigências ornamentais do estilo barroco e a “vontade” de exaltar a monarquia centralista ajudaram a criar diversas praças suntuosas, como a praça do Comércio em Lisboa.

Figura 8 - Praça do Comércio – Lisboa – Portugal.



Fonte: www.accessibleportugal.com
Acesso: 23/01/2013

1.2.6 A Praça Neoclássica

A partir do classicismo surgem novas formas urbanas de praças, com traçados que darão origem a diferentes denominações: *Square* – forma quadrangular, *Royal Crescent* – forma elipsoidal e *Circus* – forma circular.

A *square* adquire um significado bastante inovador no sentido de ser um espaço fechado e reservado para os inquilinos dos edifícios circundantes. Caldeira (2007) denota o significado de square como sendo o terreno no qual existe um jardim fechado, circundado por via pública que dá acesso às casas situadas em cada um dos lados.

Figura 9 - Central Park – Nova Iorque – Estados Unidos.



Fonte: cliquenovayork.blogspot.com
Acesso: 05/02/2013

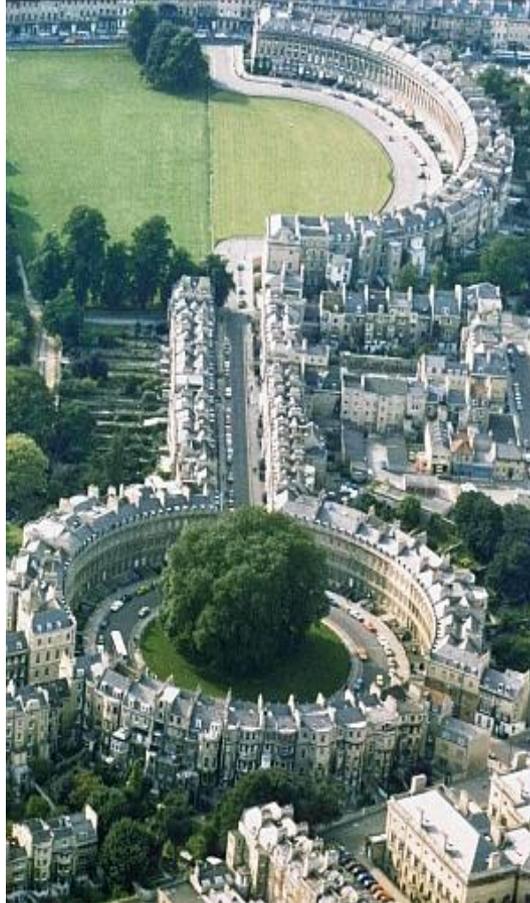
Figura 10 - Vista aérea do Central Park – Nova Iorque – Estados Unidos.



Fonte: theorange.com
Acesso: 05/02/2013

Este tipo de praça, na ótica de Caldeira (2007), foi uma inovação arquitetônica, pois exprimia a preocupação com a temática higiênicosocial dentro da cidade e, no caso das *squares*, apelava já a um ambiente mais restrito de bairro e vizinhança.

Figura 11 - Vista aérea del Royal Crescent e Circus Bath – Inglaterra



Fonte: <http://www.viajarpelomundo.com.br>
Acesso: 05/02/2013

1.2.7 A Praça Industrial

Mantendo sempre uma lógica constante e uma presença relevante na cidade, a praça era o espaço público por excelência, até à Revolução Industrial, mas a partir do século XIX o valor das praças foi perdendo sentido, chegando mesmo a ser ignorado em certos momentos.

O desenvolvimento urbano ocorrido durante o século XIX na Europa, segundo Ferrara (1993), transferiu a imagem urbana da praça pública para as ruas, avenidas e *boulevards*, consequência do processo de industrialização iniciado com a Revolução Industrial, intensificado durante o século XIX e com a revolução tecnológica.

A praça moderna engloba áreas de lazer ativo, com quadras poliesportivas e brinquedos para as crianças, requeridas pela própria sociedade. No século XX, onde o movimento moderno colocava os espaços públicos e, conseqüentemente, as praças para segundo plano, ocorreu uma mudança significativa no sentido físico e funcional das praças, interrompendo séculos de tradição com o intuito de adaptá-la ao novo ritmo urbano, ao aumento da população, ao crescimento das cidades, onde a mobilidade urbana passou a ser uma das principais necessidades do homem moderno e contemporâneo. Neste sentido, Goitia (2006) se manifesta dizendo que:

Sacrificaram-se praças arborizadas (tão necessárias como pulmões no meio do congestionamento do tráfego, tão úteis para purificar o ar lutando contra a poluição de gases nocivos), para instalar parques de estacionamento que não são mais do que uma solução temporária e paupérrima.

Alex (2008) contribui com afirmação:

A prosperidade pós-Segunda Guerra Mundial e o modelo de urbanização baseado no uso intensivo do automóvel proporcionaram seu desenvolvimento especialmente nos subúrbios, o que além de propagar um estilo de projeto, demonstrava ser uma resposta pragmática a novas questões urbanísticas, com base em jardins particulares e espaços semiprivados dos campi de corporações e centros de ensino e pesquisa e, especialmente, de shopping center suburbanos. A maioria dos espaços públicos projetados nesse período respondia apenas a demandas funcionais, como as de recreação, implantação de vias expressas, estacionamentos ou revitalização urbana, com uma linguagem espacial fortemente apoiada nos padrões visuais e de beleza desenvolvidos nos espaços privados e semiprivados.

Figura 12 - Praça Zacarias – São Paulo – Brasil



Fonte: http://lh5.ggpht.com/_dSR_tsYmSUA/TKCLgvsGZbl/AAAAAAAAFvk/hj1kAbwLokY/s800/zacarias3.jpg
acesso: 05/02/2013

1.2.8 A Praça Contemporânea

A praça, no contexto contemporâneo, é marcada por um design fundamentado menos à visualidade da paisagem e mais à visibilidade dos lugares, o que nem sempre é capaz de estabelecê-la como lugar de convívio na esfera de vida pública, da ação comunicativa, da *vita activa*.

Queiroga (2003) e Hulsmeyer (2011) evidenciam essa condição urbana, que depende do lugar e, evidentemente, não tão fortemente do entorno imediato, consequência do novo paradigma urbanístico contemporâneo, que amplia a noção de praça para além da tradicional condição dada pela relação “chão” (área livre) & “parede” (edifícios envoltórios). Como exemplos, podemos citar duas praças que confirmam o posicionamento destes autores: 1) Schouwburgplein, em Roterdã, cujo projeto é de Adrian Geuze e grupo - “West 8 Landscape Architects”; 2) San Jose Plaza, em San Jose – Califórnia, projeto de reforma de George Hargreaves.

Figura 13 - Schouwburgplein, em Roterdã – Holanda (projeto de Adrian Geuze e grupo - “West 8 Landscape Architects”).



Fonte: dspace.ist.utl.pt
Acesso: 05/02/2013

Figura 14 - San Jose Plaza, em San Jose - Califórnia (projeto de reforma de George Hargreaves)



Fonte: hargreaves.com
Acesso: 05/02/2013

Estas praças, em relação à organização do espaço urbano podem ser identificadas pela relação entre sólidos e vazios, pelas interligações entre as partes que fisicamente conectam as partes da cidade e pelos componentes das necessidades humanas, culturais, históricas e seus contextos naturais. Outro exemplo contemporâneo é o da Praça do Louvre, em Paris, onde a incorporação de formas únicas e detalhes interessantes ao local enriquecem o espaço fisicamente,

compatibilizando com o novo design que as condições pré-existentes da contemporaneidade exigem.

Figura 15 - Vista panorâmica do Louvre – Paris – França (2007)



Fonte: www.imagensdaluz.com/paris08_louvre1/index.album/paris1?i=3
Acesso: 07/02/2013

Referindo-se a este contexto contemporâneo das praças, Alex (2008) defende que o convívio social no espaço público está intimamente relacionado às oportunidades de acesso e uso, ressaltando que os mesmos dependem de um desenho “interno” coerente e de um desenho “externo” (ruas e tráfego da área) adequado, o que para ele não está ocorrendo atualmente.

1.3 AS PRAÇAS NAS CIDADES BRASILEIRAS

Os desenhos das praças públicas evoluíram através dos tempos conforme as funções que as mesmas desempenharam. Diversas correntes surgiram entre os arquitetos e paisagistas brasileiros no intuito de reestruturar esses espaços sob novas concepções, à medida que a sociedade evoluía em seus hábitos, costumes e valores. Nesse sentido, as linhas de projetos encontradas com maior frequência nas praças públicas do Brasil, conforme identificam Robba e Macedo (2003) são a eclética, a moderna e a contemporânea.

A trajetória da praça brasileira tem sua gênese na chegada dos portugueses e o processo de colonização. As praças possuíam no Brasil-colônia um aspecto religioso preponderante, apesar de também ser exercida ali a função comercial.

Nas praças coloniais brasileiras realizavam-se todas as atividades no mesmo espaço, inclusive civis e militares. Nesse contexto, as praças eram denominadas de largo, terreiro e rossio, e permitiam a interação dos vários estratos da sociedade, servindo como palco de manifestações de costumes e hábitos da sociedade colonial.

Segundo Gomes (2005), os projetos ecléticos dividiram-se basicamente em duas linhas: a clássica e a romântica. Os projetos românticos são raros e restringiram-se aos parques e jardins de maior porte. Ao contrário, a linha clássica difundiu-se rapidamente e passou a caracterizar grande parte dos espaços livres públicos brasileiro.

Ao longo da história urbana brasileira, as praças desempenharam papéis diferenciados na sociedade, como espaço cívico e militar. Durante muito tempo, essas funções deram significado desses espaços públicos, tidos como símbolo do poderio estatal e religioso.

Como grandes exemplos de praças que marcaram a história política no Brasil, encontram-se: Praça Municipal de Salvador, Praça XV de Novembro no Rio de Janeiro e a Praça dos Três Poderes em Brasília; exatamente as três cidades que se tornaram sede, em momentos distintos, do Governo Federal.

A Praça Municipal de Salvador nasceu junto com a cidade do Salvador em 1549. Existe uma interessante descrição feita por Souza (apud CÂMARA MUNICIPAL DE SALVADOR, 2013) na década de 80 do Século XVI que diz:

Está no meio da cidade, uma honesta praça em que se correm touros, quando convém, em qual estão, da banda sul umas nobres casas, em que agasalham os governadores, e, da banda norte tem as casas do negócio da Fazenda, alfândega e armazéns; e, da parte leste, tem a Casa da Câmara e Cadeia e as outras casas de moradores, com que fica esta praça em quadro e o pelourinho no meio, Dela, a qual, da banda do poente está desabafada, com grande vista sobre o mar; onde estão assentadas algumas peças de artilharia grossa, donde a terra vai muito a pique sobre o mar; ao longo do qual é tudo rochedo mui ásperos; e, desta mesma banda da praça, dos cantos dela, descem dois caminhos em voltas para a praia, um da banda do norte que é serventia da fonte que se diz do Pereira e do desembarcadouro da gente dos navios; o caminho que está da parte do sul é serventia para Nossa Senhora da Conceição, onde está o desembarcadouro geral das mercadorias, ao qual desembarcadouro vai ter outro caminho de carro por onde se estas mercadorias e outras coisas que aqui desembarcaram, levam um carro para a cidade.

Figura 16 – Praça municipal de Salvador – Bahia – Brasil



Fonte: <http://www.flickr.com/photos/esdrasdias/4985933660/>
Acesso: 15/02/2013

De acordo com Moraes (2013), a Praça XV de Novembro no Rio de Janeiro está localizada na região conhecida como inicial da ocupação das terras da cidade, como Praia da Piaçaba. Foi denominada originalmente de Largo do Terreiro da Polé, Largo do Carmo, Praça do Carmo, Terreiro do Paço e Largo do Paço. Nela, foi erguido o prédio do Palácio dos Governadores e da Casa da Moeda, futuras instalações do Paço Real e depois o Imperial. As obras foram iniciadas por ordem do

Conde de Bobadela e terminadas em 1745, no governo de Gomes Freire de Andrade. Foi o primeiro imóvel da cidade a ter vidros nas janelas, também foi construído o Chafariz do Mestre Valentim, que foi inaugurado em 1789, que até hoje é um dos símbolos da praça. Até o início do século XX, a praça era o ponto principal de desembarque e entrada na cidade do Rio de Janeiro. Em 10 de junho de 1965, foi inaugurada a estátua equestre do rei Dom João VI, presente de Portugal à cidade, por ocasião dos festejos do IV centenário de sua fundação.

Figura 17 – Praça XV de Novembro – Rio de Janeiro – Brasil



Fonte: <http://www.skyscrapercity.com>
Acesso: 15/02/2013

A Praça dos Três Poderes é um amplo espaço aberto (que mede aproximadamente 120 x 220 metros) e está localizada no extremo leste do Plano Piloto de Brasília, entre os três edifícios monumentais que representam os três poderes da República: o Executivo (Palácio do Planalto), o Judiciário (Supremo Tribunal Federal) e o Legislativo (Congresso Nacional). Conforme Aragão (2013), a parte urbanística foi idealizada por Lúcio Costa e as construções foram projetadas por Oscar Niemeyer de maneira que os prédios representativos dos poderes não se sobressaíssem um diante dos outros, respeitando a ideia de que os poderes são harmônicos e independentes e, portanto, têm o mesmo valor. Tal praça não segue um modelo tradicional, pois a única vegetação que possui são as palmeiras imperiais que circundam a grande superfície de água à altura do Congresso Nacional; logo não possui qualquer elemento que proporcione sombra às pessoas que nela permanecem. Além disso, Aragão (2013) ressalta que

Como os edifícios em volta da praça, nas orientações norte e sul, ocupam área reduzida em relação à área total do logradouro, obteve-se um efeito

escultórico impressionante. Além dos palácios, a Praça dos Três Poderes, inclui as esculturas Os Guerreiros, de Bruno Giorgi, considerado um símbolo de Brasília, e A Justiça, escultura de Alfredo Ceschiatti, em frente ao STF. Pode-se ver ainda a Pira da Pátria e o Marco Brasília, em homenagem ao ato da UNESCO que considerou a cidade Patrimônio Cultural da humanidade.

Figura 18: A Praça dos Três Poderes



Fonte: www.delcampe.net
Acesso: 15/03/2013

No Brasil a praça moderna surge adaptada às novas necessidades de lazer impostas pela urbanização vivenciada pelo país ao longo do século XX, incorporou um programa misto com predominância do lazer ativo, atendendo a faixas etárias cada vez mais diversificadas.

1.4 PRINCIPAIS PRAÇAS DE MACAPÁ

A cidade de Macapá possui com um grande número de praças espalhadas por seu território, muitas delas relacionadas com a história e a cultura da cidade, outras com seu desenvolvimento econômico, como a Praça do Forte (Parque do Forte), a Praça Abdallah Houat, a Praça Veiga Cabral, a Praça Barão do Rio Branco, a Praça da Bandeira, entre outras.

A história de Macapá começa nos tempos coloniais e está relacionada com a defesa e a fortificação das fronteiras do Brasil. A cidade teve origem em um destacamento militar criado em 1738. Na Praça Veiga Cabral quando ela ainda se chamava Praça São Sebastião, aconteceu o levantamento do pelourinho e o governador do Grão Pará, Francisco Xavier de Mendonça Furtado, fundou naquele dia a Vila de São José de Macapá. Esta praça representa o início da história da

cidade, pois, ali foi o local da celebração das primeiras cerimônias oficiais, como a instalação oficial da Vila de São José de Macapá, em 04 de fevereiro de 1758 bem como a celebração das cerimônias de lançamento da pedra fundamental da igreja de São José de Macapá.

Figura 19: Ano 1960 - Praça Veiga Cabral, vendo-se à esquerda, em primeiro plano a casinha de telefone dos taxistas que faziam ponto na Praça da Matriz



Fonte:<http://porta-retrato-ap.blogspot.com.br>
Acesso:20/02/2013

Outro importante espaço público é a Praça Barão do Rio Branco, que se localiza na Avenida FAB entre as Ruas São José e Coriolano Jucá.

A Praça Barão do Rio Branco, recebeu esta denominação em homenagem ao Barão do Rio Branco, grande defensor do Amapá nas questões de fronteiras. Inaugurada em 1º de dezembro de 1950, é uma praça arborizada e utilizada pelos jovens da cidade como lazer.

Quando a Praça estava sendo construída foram encontradas peças arqueológicas contendo restos de um povo, que por muito tempo habitou esse lugar.

Figura 20: Ano 1963 - Alunos saem das aulas no Grupo Escolar Barão do Rio Branco e caminham em direção à Praça com o mesmo nome



Fonte: <http://porta-retrato-ap.blogspot.com.br>
Acesso: 20/02/2013

Figura 21: Aparelho de Ed. Física na Praça do Rio Branco e correios ao fundo



Fonte: <http://porta-retrato-ap.blogspot.com.br>
Acesso: 20/02/2013

2- A PRAÇA NA CONTEMPORANEIDADE

2.1. O ESPAÇO PÚBLICO E A PRAÇA CONTEMPORÂNEA

Segundo Queiroga (2003), a modernidade significou, na arquitetura, uma ruptura com os modelos de composição e distribuição funcional tradicional que estiveram em vigor por séculos. No que diz respeito às cidades, e mais especificamente aos espaços públicos, afirma que a modernidade não significou uma grande contribuição qualitativa, uma vez que as cidades antigas produziram melhores espaços públicos. Em consonância com esta concepção, Alex (2008) afirma que apesar de se considerar frequentemente o uso coletivo dos espaços públicos como um dos objetivos principais da contemporaneidade, as inovações trazidas por ela nem sempre resultaram em espaços mais convidativo ou adaptáveis à presença da população, pois ao contrário dos discursos bem-intencionados, espaços como as praças têm-se revelado fechadas para o entorno e bastante hostis ao público, negando, portanto, o encontro e o convívio pretendidos.

Neste contexto, consideraram-se os espaços livres públicos não apenas como aqueles desprovidos de edificações, mas como os espaços que possibilitam as trocas sociais, os encontros, o exercício da política, ou seja, espaço livre público como o “palco da cidadania” (MENEGUETTI et al., 2005). Para Queiroga (2003), atualmente, cada tipo de urbanização leva a relações desiguais entre o meio ambiente natural e o meio ambiente construído, pontuando que a cidade antiga possui ambientes mais adequados ao convívio humano, apesar de apresentar problemas para absorver as relações de produção e atender as demandas culturais atuais, diferentemente, a cidade moderna tem conseguido materializar as novas necessidades sociais, mas a custo de degradação ambiental e segregação social.

A cidade atual, enquanto produto da revolução industrial e de suas consequências nas relações de produção urbana surge em muitos aspectos como antítese da cidade tradicional. A urbanização contemporânea busca, através de novas relações entre espaços públicos e espaços privados e com base nos avanços tecnológicos, atender suas necessidades populacionais, funcionais e locacionais. No entanto, como acentua Gimenes (2010) pode-se detectar nessas cidades inúmeros problemas ambientais, dentre eles a deterioração espacial da maior parte da cidade,

sobretudo, com muita frequência, nos espaços livres públicos da região metropolitana, áreas poucos conservadas ou mesmo degradadas, com uso não coerente com o proposto originalmente, ou até com uso precário, não sempre por falhas da proposta projetual, já que não é a falta de planificação urbana, paisagística ou arquitetônica a raiz dos problemas enunciados.

Para Gimenes (2010), porém o usuário submete, muitas vezes, no que diz respeito ao espaço público, o projeto original a usos imprevistos ou inesperados. Ratificando essa afirmativa, no âmbito do espaço público, Alex (2008) acusa que o uso seletivo ou desuso intencional das praças em decorrência de projetos inadequados, apropriações indevidas por ocupações informais de camelos ou acampamentos de moradores de rua e estratégias de manutenção que impedem o acesso ao público, são manifestações do mesmo processo de desaparecimento dos territórios comuns de diversas formas de sociabilidade entre os diferentes segmentos sociais, em consonância com a posição de Queiroga (2003), que de maneira bastante ampla, considera a praça um espaço voltado essencialmente ao encontro no âmbito da esfera de vida pública.

De acordo com Gimenes (2010), atualmente as praças se apresentam como espaços livres, fragmentados e esvaziados de significados, de transcendência, de encontros, de trocas e de fruição coletiva. Lynch (2006) ratifica essa posição, ao abordar essa característica da praça em relação com a dinâmica da cidade contemporânea, afirmando que uma vez que a mesma não é apenas um objeto percebido (e talvez desfrutado) por milhões de pessoas de classes sociais e características extremamente diversas, mas também o produto de muitos construtores que, por razões próprias, nunca deixam de modificar sua estrutura. Segundo ele, em linhas gerais, ela pode ser estável por algum tempo, por outro lado está sempre se modificando nos detalhes, portanto, não há resultado final, mas apenas uma sucessão de fases.

Queiroga (2003) considera que a praça pode ser considerada um espaço voltado essencialmente ao encontro no âmbito da esfera de vida pública, não apenas como espaço, forma, paisagem, cenário ou palco para as ações da vida pública, mas um conjunto indissociável entre um sistema de objetos e um sistema de ações individuais e coletivas, afirmando-se como espaço que se qualifica a partir da

natureza dos eventos nela verificados: paisagem, cenário ou palco, para as ações da vida pública. Neste sentido, de acordo com Brandão (2004), as praças compõem uma “justaposição de pedaços que vão se acomodando desordenadamente, numa colcha de retalhos”, numa aparente desordem e espontaneidade, expressando a lógica das leis de demanda do mercado imobiliário e financeiro, levando-o a considerar como aspecto relevante o processo de configuração morfológica da cidade, como influência para a perda dos referenciais geográficos e históricos das praças atuais para seus habitantes, enquanto espaços públicos.

Analisando este paradigma das praças contemporâneas, Robba e Macedo (2003) afirmam que elas são reflexos da diversidade cultural da sociedade atual, na qual a maioria das pessoas tem outras necessidades e sentem o mundo ao seu redor de modo diferente. De acordo com De Angelis e Angelis Neto (2000), o surgimento de outras formas alternativas de lazer e de novos locais direcionados para encontros, associados ao descaso persistente do poder público frente à manutenção das praças, agravando-se com sua transformação em local para circulação e estacionamento de veículos, fizeram com que as praças contemporâneas passassem a constituir-se apenas um fragmento a mais dentro da malha urbana, independente da inserção de elementos, desenhos, cores, materiais e formas variadas, de atividades comerciais (trailer de lanches, vendedores autônomos, banca de revistas etc.), numa tentativa de resgatar seu uso como local contemplativo, da convivência social e do lazer ativo, atrair um público maior.

Segundo Queiroga (2003), o urbanismo contemporâneo do século XXI volta a resgatar a ideia do pedestre como importante parâmetro do design do espaço público da cidade, com incisiva proliferação dos calçadões e releitura das praças, valorizando a tríade áreas verdes – mobilidade – desenho universal, para que o pedestre retome alguns dos espaços perdidos para o automóvel.

Nucci (2013) responde a essa condição argumentando que as praças deveriam ser ambientes agradáveis e estéticos, com acomodações e instalações variadas para facilitar a escolha individual, livres de monotonia e isentos das dificuldades de espaço e da angústia das aglomerações urbanas, onde as crianças possam experimentar sons, odores, texturas, paladar da natureza, andar descalço pela areia, gramado, ter contato com animais como pássaros, pequenos mamíferos

e insetos etc. Essa ideia é complementada por Gomes (2005) que aponta as áreas verdes como elemento influente para o bem-estar psicológico e social, para os indivíduos massificados com o transtorno das grandes cidades.

2.2 A IMPORTÂNCIA DO ESPAÇO PÚBLICO NO PLANEJAMENTO DAS PRAÇAS

As últimas décadas foram marcadas por mudanças comportamentais na sociedade, refletindo nas formas de apropriação dos espaços públicos e na compreensão do seu significado.

A praça contemporânea muitas vezes é marcada por um design fundamentado apenas na visualidade da paisagem, desconsiderando que o significado não reside no objeto em si, e sim na relação entre objeto-observador, provocando um enfraquecimento na relação entre o espaço e os edifícios do entorno imediato da praça. Neste caso, o espaço livre público tornou-se local para circulação e estacionamento de veículos, ocasionando o “desaparecimento” de algumas praças diante do espaço destinado aos veículos, ou a redução destas à condição de rotatórias, criando formas urbanas descontínuas e fragmentadas. Essas condições transformaram muitas praças em lugar de abandono, por ausência da efetivação das políticas públicas municipais e das atividades sociais e de lazer público, por falta de manutenção e por perda do seu referencial funcional por significativa parcela da população.

No entanto, apesar de não ser possível resgatar os mesmos usos da praça e, tampouco, esperar as mesmas simbolizações passadas, algumas ações poderiam resguardar parte da sua história, como seu tombamento enquanto patrimônio histórico cultural, a formulação de um Plano Viário Municipal com diretrizes que priorizem as circulações pedonais, sua manutenção periódica e a elaboração de um projeto de restauro e revitalização que respeite suas premissas projetuais.

Porém, a despeito do relativo desgaste do espaço para o pedestre, algumas praças de desenho contemporâneo conseguem se efetivar diante de um entorno imediato pouco expressivo e bastante impactado pelo sistema viário, devido a presença de alguns elementos de design que incluem formas, movimentos e participação, que induzem atitudes públicas mais livres e descontraídas por parte dos frequentadores, como o lazer, o descanso e a contemplação, permitindo o

estabelecimento de uma mimese com o lugar, com o clima e com os outros usuários, no intuito de combater o estresse e controle social e profissional impostos pelas ações comuns à sociedade contemporânea.

Para Hulsmeyer (2011), deve-se considerar a praça não apenas como um sistema de objetos e de materialidade, mas como um sistema de ações, numa dimensão cultural e política. Queiroga (2003) corrobora essa posição afirmando que a mera importação desta ou daquela linguagem arquitetônica se coloca com menor relevância para o “sucesso ou fracasso” da praça diante do público. Sendo assim, conclui-se que apenas pintar determinadas áreas e parte do piso, equipar o local com mesinhas para jogos e dispor alguma vegetação, é ineficaz para criar vida pública em uma praça. Se o design estiver apoiado numa visualidade menos inóspita da paisagem, sem a organicidade e sem a hierarquia dos elementos urbanos comuns às cidades, a praça não é claramente percebida e perde parte do seu simbolismo. Há de se concluir, então, que a questão central para o projeto da praça como espaço público se remete menos à visualidade da paisagem e mais à visibilidade dos lugares.

Mas há de se considerar também as características da localização, uma vez que algumas praças dispostas em áreas centrais das cidades, que apresentam maior fluxo de automóveis, possuem sua acessibilidade mais afetada do que as praças rotatórias de bairros, como destaca Halprin (1963, p. 11, apud HULSMEYER, 2011) alertando quanto ao limite de compatibilidade entre diferentes funções de uma praça:

Não é possível esperar que uma grande praça cívica sirva como um local de estacionamento de veículos, como uma rotatória de trânsito, como o lugar para uma fonte cívica ou para comemorações cívicas, e ao mesmo tempo ser um espaço tranquilo, um espaço livre para se respirar entre a densa aglomeração de edificações.

Esta questão é abordada por Carr et al. (1995), quando ao referir-se aos fundamentos do planejamento dos espaço público, classifica três tipos de acesso: acesso físico, acesso visual e acesso simbólico ou social.

O acesso físico, em espaços livres públicos, refere-se à ausência de barreiras espaciais ou arquitetônicas (construções, plantas, água), além da

localização dos acessos, às condições de travessia das ruas e à qualidade ambiental dos trajetos. Por sua vez, o acesso visual ou visibilidade define a qualidade da primeira impressão do usuário com o lugar (percepção e identificação de ameaças potenciais, por exemplo: uma praça no nível da rua, visível de todas as calçadas, informa aos usuários sobre o local e, portanto, é mais propícia ao uso). Já o acesso simbólico ou visual refere-se à presença de sinais sutis ou ostensivos que sugerem a territorialidade. A partir da combinação destes três tipos de acesso, uma praça pode ter seu espaço mais ou menos convidativo ao uso (HULSMAYER, 2011).

2.3 A RELAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO COM AS ÁREAS VERDES NO PLANEJAMENTO DAS PRAÇAS

A falta de planejamento é um problema para o desenvolvimento e o crescimento das cidades, podendo colocar em conflito as questões socioeconômicas e as questões socioambientais, tendo como resultados as deficiências crescentes e permanentes dos espaços públicos e, conseqüentemente, das áreas verdes; espaços onde há o predomínio de vegetação arbórea, englobando as praças, os jardins públicos, os parques urbanos, os canteiros centrais de avenidas, os trevos e rotatórias de vias públicas, que exercem funções estéticas e ecológicas (LIMA, 2007), geralmente relegadas ao segundo plano, quando não abandonadas, mesmo tendo uma finalidade tão importante e crucial para a população e para o espaço urbano.

Portanto, em um planejamento do espaço público, é necessário considerar a utilização das áreas verdes como elemento crucial para a integração da população e as praças, uma vez que o que mais se presencia são praças antigas sendo reformadas ou sofrendo interferências com pouco ou nenhum critério técnico, constituídas por vegetação exótica e mobiliário urbano, que nem sempre são compatíveis às exigências do público (SILVEIRA e BARROS, 2002), dificultando o acesso e a interação entre a população e o meio ambiente.

Atualmente, com os problemas gerados pelas cidades contemporâneas, as praças, os parques e os jardins são uma exigência não só para a ornamentação urbana, mas, também, como necessidade higiênica, de recreação e, principalmente, de defesa do meio ambiente diante da degradação das cidades.

No contexto urbano, as áreas verdes devem ser consideradas como elemento essencial para a melhoria da qualidade de vida e do bem-estar da população, pois agem simultaneamente sobre o lado físico e mental. Essas áreas desempenham um papel fundamental na paisagem urbana, por constituírem um espaço dentro do sistema urbano que tem por finalidade a recreação, o paisagismo (aprimoramento do olhar estético) e a preservação ambiental (absorção dos ruídos, atenuação do calor, melhoria da qualidade do clima, do ar, da água e do solo), proporcionando condições ecológicas na cidade que se aproximem das condições normais da natureza, quase extintas nas áreas urbanas, especialmente nas regiões metropolitanas, onde a densidade de ocupação é bem maior em relação aos demais aglomerados urbanos e pelas condições de artificialidade do meio urbano, tais como as características de sua superfície, que suprime a vegetação, a poluição do ar e sonora, além das características dos materiais utilizados nas edificações.

Portanto, é fato comprovado a existência de benefícios ecológicos, econômicos e sociais de áreas verdes nas cidades, benefícios de ordem ecológica (clima e poluição), biológica (saúde física do homem) e psicológica (saúde mental do homem) (MILANO e DALCIN, 2000).

2.4 A RELAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO COM OS MOBILIÁRIOS URBANOS NO PLANEJAMENTO DAS PRAÇAS

Para o senso comum, mobiliário urbano são elementos que contribuem para o conforto e lazer da comunidade, como: bancos, coberturas e outros equipamentos similares. De modo geral, são peças e equipamentos instalados em meio público, envolvendo elementos que permitem a utilização dos espaços, fornecendo conforto, proteção, serviços, informação, lazer, cultura, etc. Analisando sob a perspectiva do planejamento dos espaços urbanos, referente à praça, Lamas (2007) faz a seguinte consideração:

O mobiliário urbano situa-se na dimensão setorial, na escala da rua, não podendo ser considerado de ordem secundária, dadas as suas implicações na forma e equipamento da cidade. É também de grande importância para o desenho da cidade e a sua organização, para a qualidade do espaço e comodidade.

No contexto urbano, o mobiliário urbano surge no meio público com a intenção de embelezar o local, são exemplos: o tipo decorativo (floreiras, chafarizes e esculturas), o tipo lazer (bancos e brinquedos infantis localizados em parques e praças), o tipo informativo (elementos de sinalização, totens, relógios públicos), o tipo comercial (bancas de jornal e bancas de flores) e o tipo público (lixeiras, telefones, postos policiais, pontos de ônibus e pontos de táxi).

A inserção dos mobiliários urbanos como elementos de composição das praças deve ser planejada considerando-se as características inerentes ao espaço público, portanto para haver qualidade e eficácia na implantação destes elementos é necessário ter alguns critérios, como: versatilidade (cores, formas e material), resistência e durabilidade (vandalismo e intempéries) e facilidade de manutenção.

2.5 A RELAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO COM A MOBILIDADE URBANA NO PLANEJAMENTO DAS PRAÇAS

Em relação ao espaço público, a mobilidade urbana é um atributo das cidades e se refere à facilidade de deslocamentos de pessoas e bens no espaço urbano, ou seja, é o resultado da interação entre os deslocamentos de pessoas e bens numa área da cidade. Do mesmo modo, uma área que se desenvolve, vai necessitar de meios e infraestrutura adequados para os deslocamentos das pessoas e bens naquele local. Pensar a mobilidade urbana é, portanto, pensar sobre como se organizam os usos e a ocupação da cidade e a melhor forma de garantir o acesso das pessoas e bens ao que a cidade oferece (locais de emprego, escolas, hospitais, praças e áreas de lazer), não apenas pensar os meios de transporte e o trânsito (CARTILHA DA POLÍTICA DE MOBILIDADE URBANA, 2006), no intuito de melhorar efetivamente a qualidade de vida das pessoas nas cidades.

2.6 A RELAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO COM A ACESSIBILIDADE URBANA NO PLANEJAMENTO DAS PRAÇAS

O acesso é fundamental para a apropriação e o uso de um espaço. Entrar em um lugar é condição inicial para poder usá-lo. Planejar um espaço público como a praça considerando a acessibilidade como fator essencial, é disponibilizar vantagens para todos os cidadãos, pois permite o exercício pleno de cidadania e participação ativa nos diversos domínios de atividades da sociedade, assegurando a

possibilidade de se viver integrado à comunidade, em situação de igualdade em relação às oportunidades, com menores encargos, de forma autônoma e independente, além de contribuir para que os espaços e serviços públicos ofereçam condições de segurança e conforto, direitos garantidos pela Constituição Federal do Brasil:

A lei disporá sobre normas de construção dos logradouros e dos edifícios de uso público e de fabricação de veículos de transporte coletivo, a fim de garantir acesso adequado às pessoas portadoras de deficiência. (CF/88, art. 227, parag. 2º)

No Brasil, a acessibilidade é regulamentada pela Associação Brasileira de Normas Técnicas – ABNT NBR 9050, que estabelece os critérios técnicos que devem ser obedecidos no desenvolvimento de projetos arquitetônicos e urbanísticos, em edifícios de uso público, instalações e adaptações de edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos às condições de acessibilidade.

3 - A PRAÇA FLORIANO PEIXOTO

A praça, em sua origem latina, caracteriza-se como espaço de encontro e convívio, urbano por natureza. Espaço este que se conforma por várias aberturas no tecido urbano que direcionam naturalmente os mais diversos fluxos em busca dos, também, mais diversos usos, que imprimem a esse espaço o caráter de lugar e ponto central de manifestação da vida pública. É, em sentido amplo, o espaço para a troca. (ALEX, 2008)

As novas praças produziram, é verdade, uma ruptura estética com os traçados padronizados dos jardins públicos franceses da metade do século XIX. Mas, tratadas ora como equipamentos de recreação.

Devido a grande alternância de usos, se constrói sentidos sociais, em constante processo de significação e ressignificação. Neste contexto, foi-se adaptando às exigências de cada época alterando sua forma e sua função, porém devido ao rápido desenvolvimento das cidades e à introdução de novas tecnologias não se adaptou às necessidades contemporâneas, o que acarretou em seu abandono e degradação.

A Praça Floriano Peixoto, sofreu os mesmos efeitos em relação ao rápido desenvolvimento da cidade de Macapá, não mais satisfazendo as necessidades contemporâneas exigidas como função e forma de espaço público e, conseqüentemente, perdendo a integração com o seu entorno, com as ruas e com a população que a acessa e a que mora ao seu redor.

A Praça Floriano Peixoto em 2009, na gestão do ex-prefeito Roberto Góes, passou por um processo de revitalização e recebeu um harmonioso paisagismo, iluminação com refletores coloridos, chafariz, playground, pintura e outras reformas necessárias. O lago passou por um processo de limpeza profunda e ressurgiu com seus pedalinhos. Os cinco pedalinhos, em formato de cisnes gigantes, foram revitalizados pela Prefeitura de Macapá através da Secretaria de Manutenção Urbanística - SEMUR, para que os brinquedos retornassem para Praça Floriano Peixoto. Um espaço de lazer que normalmente recebia um grande número de visitantes inclusive durante a semana, na maioria crianças acompanhadas pelos pais que desfrutavam de passeios nos pedalinhos.

A área de lazer no entorno do Lago ficou com um aspecto mais bonito depois de ter passado por revitalização. Coube a Secretaria Municipal de Obras - SEMOB, a responsabilidade de cuidar das praças. Para isto, um amplo projeto de revitalização foi desenvolvido por uma equipe técnica de engenheiros e paisagistas. O objetivo era deixar os principais logradouros públicos prontos para serem utilizados de forma confortável pela população. A ideia de manutenção desses espaços não ocorreu, e a Praça Floriano Peixoto está precisando de reparos e manutenção.

Figura 22 - Proposta para iluminação (projeto de revitalização 2009)



Fonte: Prefeitura de Macapá 2013
Acesso: 20/02/2013

Figura 23 - Proposta para iluminação (projeto de revitalização 2009)



Fonte: Prefeitura de Macapá 2013
Acesso: 20/02/2013

A Praça Floriano Peixoto, faz parte do contexto histórico e cultural de Macapá, bem como da história de vida das pessoas. O Bem Cultural, Praça Floriano Peixoto, faz parte da história de vida da maioria das pessoas entrevistadas que frequentam ou que conhecem o local.

O Diagnóstico da Praça Floriano Peixoto foi realizado por meio de observações *in loco*, entrevistas, registro fotográfico e pesquisa documental.

3.1 LOCALIZAÇÃO

A Praça Floriano Peixoto está no setor central da cidade de Macapá, capital do estado do Amapá, situada no extremo norte do país, a 1.791 quilômetros de Brasília, ao sudeste do estado, cortada pela linha do Equador, nas coordenadas geográficas de 00° 02' 18.84" N 51° 03' 59.10" O, às margens do Rio Amazonas,

pertencente à mesorregião do Sul do Amapá e à microrregião homônima, limitada ao Norte: Ferreira Gomes, Cutias e Amapá / Leste: Oceano Atlântico / Sudeste: Itauba e o Delta do rio Amazonas. / Sudoeste: Santana / Noroeste: Porto Grande. A cidade está a uma altitude de aproximadamente de 14 m, com abrangência territorial de 6 407,123 km², sob o efeito de um clima Equatorial, cuja estação de chuva dura seis meses por ano, provocando oscilação nas temperaturas locais entre 24 a 34°C à sombra, apresentando temperatura média anual de 27,8°C, com a presença de vegetação abundante na área urbana. Atualmente a cidade possui um total de 415,554 hab. (Estimativa IBGE/2012), com densidade 0,06 hab./km². O acesso principal para a cidade é por fluvial.

3.2 LEVANTAMENTO HISTÓRICO

O levantamento histórico foi realizado por meio de dados bibliográficos fotográficos e históricos da cidade de Macapá, pesquisa documental nos acervos disponíveis no Arquivo Público e Histórico de Macapá, na Biblioteca Municipal, além de revisão de bibliografias pertinentes ao tema estudado.

Fundamentando-se na concepção de pesquisa preconizada por Gil (1991), procedeu-se a um estudo exploratório sobre o objeto pesquisado, o qual permitiu uma visão geral sobre o fenômeno em estudo, aumentando a familiaridade do pesquisador com o ambiente focado.

Técnicas de entrevistas também foram aplicadas a alguns atores sociais relevantes, para complementação do resgate histórico. Assim, uma avaliação detalhada permitiu compreender transformações ocorridas com relação ao traçado, dimensões, elementos construídos e redes de infraestrutura.

3.3 LEVANTAMENTO QUALI/QUANTITATIVO PAISAGÍSTICO

Em se tratando de estudos paisagísticos, após o levantamento de materiais fotográficos e demais documentos encontrados nos referidos acervos públicos, realizaram-se inferências quanto às transformações ocorridas na praça em diferentes épocas. Considerando-se que um dos objetivos está centrado na descrição das características tipológicas dos ambientes construídos, foram utilizadas técnicas padronizadas de coleta de dados a partir de observação sistemática. Para isto, elaborou-se um roteiro de observações a serem registradas, fundamentando-se

em Demattê (1999). Nesse roteiro foram abordados os seguintes aspectos: concepção paisagística e recursos arquitetônicos.

No que concerne à concepção paisagística atual da Praça Floriano Peixoto, observou-se, *in loco*, os seguintes aspectos paisagísticos:

a) Traçado da Praça: referências formais em relação às intervenções paisagísticas; aplicação dos princípios de composição paisagística, segundo Demattê (1999). Identificação dos princípios históricos aplicados e análise dos resultados.

b) Entorno imediato: relacionar a praça com o entorno imediato, efetuando olhares de dentro para fora e vice-versa.

c) Composição florística: a composição das massas vegetais foi coletada através de inventário por meio de uma planilha sugerida por Lira Filho (2003), conforme modelo inserido no Anexo II. Na oportunidade, foram identificadas através da literatura especializada (LORENZI, 2001) as espécies botânicas e enquadradas nas diferentes categorias de plantas ornamentais e formas de associação.

Os recursos arquitetônicos foram analisados a partir da infraestrutura existente na praça, como: iluminação, irrigação, circulação e pisos, divisórias arquitetônicas, mobiliário urbano, pequenas construções, uso de água, obras de arte, entre outros.

3.4 LEVANTAMENTO QUALI/QUANTITATIVO DOS ELEMENTOS ARQUITETÔNICOS

Para desenvolver o tema proposto foi adotada uma base metodológica quantitativa, trabalhada sob a planta urbana no formato digital fornecida pela SEMOB e pela Secretaria de Meio Ambiente - SEMAM, da Prefeitura Municipal de Macapá.

Com o uso da planta no formato digital, trabalhada no software AutoCad 2010, juntamente com foto obtida pelo programa Google Earth, com medição manual, foi possível obter as medidas referentes à área e perímetro das praças e por meio de saídas ao campo, em levantamento fotográfico, foi possível aplicar a metodologia quantitativa.

Entende-se por aspectos quantitativos no meio urbano os aspectos da realidade urbana que podem ser quantificáveis, como densidades, superfícies, equipamentos, entre outros, sendo utilizados para levantar o espaço físico da cidade (LAMAS, 2007).

Para quantificar os equipamentos e a disposição dos elementos que compõem as praças, optou-se pela utilização da base metodológica proposta por De Angelis et al. (2004), que consiste na elaboração de formulários para coleta de dados, que depois de analisados oferecem um diagnóstico desses espaços.

Entende-se por aspectos qualitativos do meio urbano “os referentes ao tratamento dos espaços, ao conforto e a comodidade do utilizador” (LAMAS, 2007), ou seja, aspectos que refletem a qualidade de vida da população.

A pesquisa qualitativa envolveu a obtenção de dados por meio de contato direto do pesquisador com a situação estudada, que revelou a perspectiva dos participantes. Para o levantamento quali-quantitativo dos elementos arquitetônicos foram utilizados formulários distintos, conforme anexos 1 e 2.

3.5 CADASTRAMENTO DA LOCALIZAÇÃO DA VEGETAÇÃO

Foi realizado um cadastramento do posicionamento e quantidade da vegetação encontradas na praça.

3.6. LEVANTAMENTO PLANIMÉTRICO

Para obter a planta baixa e a localização das espécies, foi feito o levantamento planimétrico. A identificação das espécies foi feita a campo e a classificação com base na literatura (LORENZI, 2001).

3.7. PESQUISA DE OPINIÃO

Foi realizada uma pesquisa de opinião com 168 pessoas presentes na praça, em dias da semana e horários diferentes, para conhecer a importância e a utilização do local pelos frequentadores. Utilizou-se um questionário (ANEXO 3) adaptado ao proposto pelo método de De Angelis (2004).

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 LOCALIZAÇÃO DA PRAÇA FLORIANO PEIXOTO

A Praça Floriano Peixoto antes fora denominada Praça do Sapo ou Lago do Sapo, está localizada na área central de Macapá, tendo como frente a avenida Antônio Coelho de Carvalho, lado esquerdo rua General Rondon, lado direito rua Raimundo Ozanan de Souza e aos fundos avenida Pedro Baião.

4.2 LEVANTAMENTO HISTÓRICO DA PRAÇA FLORIANO PEIXOTO

A Praça foi inaugurada no dia 23 de janeiro de 1982, na gestão do então governador Annibal Barcellos e do prefeito Murilo Agostinho Pinheiro. A área hoje ocupada pela Praça Floriano Peixoto, no bairro do Trem, ganhou apelido de “Praça do Sapo” ou “Lago do Sapo” por volta de 1960, em razão do aspecto alagado e com o passar dos anos tornou-se uma praça muito agradável aos olhos e convidativa aos amantes da natureza. A área era um pântano devido à presença de um olho d’água. O espaço era feio e mal cheiroso porque as pessoas costumavam jogar todo tipo de lixo no lago central da praça, tornando-a uma verdadeira lixeira pública (Figura 24).

Figura 24 - Foto da antiga Praça do Sapo, ano 1966



Fonte: <http://porta-retrato-ap.blogspot.com.br>
Acesso: 21/02/2013

Na imagem de 1969 (Figura: 25) observa-se a antiga baixada da Praça do Sapo, tendo ao fundo a caixa d’água da CAESA que localiza-se na pracinha da Universidade Estadual do Amapá (antigo IETA, Instituto de Educação do Estado do Amapá), no centro de Macapá. Nessa direção passa atualmente a Rua General Rondon. Em 1982, a Praça Floriano Peixoto, apresentava em sua ambientação, uma

vegetação nativa “mururé” e um meio de transporte característico da região “canoa” (Figura: 26). Em outro momento observa-se a Praça Floriano Peixoto em primeiro plano o paisagismo existente no espaço e em segundo plano uma grande concentração de pessoas contemplando o lago (Figura: 27). A imagem de 1990 mostra a circulação, o lago e aos fundos as residências do entorno (Figura: 28).

Figura 25 - Local da antiga Praça (ou Lagoa) do Sapo tendo ao fundo a caixa d'água da CAESA (1969).



Fonte: <http://porta-retrato-ap.blogspot.com.br>
Acesso: 21/02/2013

Figura 26 - Praça Floriano Peixoto, o lago apresenta sua ambientação, uma vegetação nativa “mururé” e um meio de transporte da região “canoa”.



Fonte: <http://porta-retrato-ap.blogspot.com.br>
Acesso: 21/02/2013

Figura 27 - Praça F. Peixoto, em primeiro plano o paisagismo e em segundo plano pessoas contemplando o lago (1982).



Fonte: <http://porta-retrato-ap.blogspot.com.br>
Acesso: 21/02/2013

Figura 28 - Praça Floriano Peixoto, circulação e o lago (1990).



Fonte: <http://porta-retrato-ap.blogspot.com.br>
Acesso: 21/02/2013

A Praça Floriano Peixoto, ainda hoje, é utilizada como espaço para realização de eventos, programas e projetos sociais. Como exemplo pode-se citar a Programação do “Dia do Trabalhador”, com realização de pescaria na praça, emissão de documentação civil (carteira de identidade, carteira de trabalho e

previdência social, certidão de nascimento, título de eleitor), verificação de pressão arterial, massagens, corte de cabelo, atividades esportivas.

Figura 29 - Pescaria, atividade desenvolvida na programação do dia do trabalhador (2012)



Fonte: <http://porta-retrato-ap.blogspot.com.br>
Acesso: 21/02/2013

Outro exemplo cita-se o projeto “A Praça Cheia de Poesia”, com atuação de diversos poetas amapaenses, que originou informalmente o pseudônimo de “Praça da Poesia”, aplicado à Praça Floriano Peixoto, tornando-a um tradicional ponto de encontro de escritores e artistas, às sextas-feiras, para declamar poemas, cantar e conversar sobre arte e cultura (FIGURA 30 a, b, c).

Figura 30 (a) - O ex-prefeito de Macapá, João Henrique ao lado da inauguração da placa de Paulo Tarso.



Fonte: <http://porta-retrato-ap.blogspot.com.br>
Acesso: 22/02/2013

Figura 30 (b) - Cortejo de inauguração das placas liderado pelo Prefeito de Macapá, João Henrique (camisa azul escura).



Fonte: <http://porta-retrato-ap.blogspot.com.br>
Acesso: 22/02/2013

Figura 30(c) - Fernando Canto, Paulo Tarso, Carla Nobre, ex-prefeito João Henrique e Alcinéa Cavalcante.



Fonte: <http://porta-retrato-ap.blogspot.com.br>
Acesso: 22/02/2013

Outro projeto que também se destacou foi o “Projeto Escola Aberta de Educação Ambiental na Praça Floriano” em 1999, que tinha como objetivo o surgimento alternativo de reação à problemática ambiental urbana das cidades amapaenses, bem como fomentar no seio da sociedade civil a formação da consciência ecológica, propiciando a organização de eventos e ações que estimulem o respeito e os cuidados com os ambientes urbanos e naturais, popularizando conhecimentos e informações sobre meio ambiente e cidadania.

Neste espaço público além dos eventos promovidos pela Prefeitura, ocorrem também manifestações populares como ensaios e apresentações de grupos amadores de teatro e dança, entre outros.

4.3 ANÁLISE QUALI/QUANTITATIVA DOS ELEMENTOS ARQUITETÔNICOS

Após avaliação observou-se os aspectos quali-quantitativo dos elementos arquitetônicos, o estado de conservação das estruturas e equipamentos existentes Praça Floriano Peixoto. Os elementos analisados foram os seguintes:

4.3.1 Bancos

Não há bancos convencionais na praça, os mesmos foram substituídos por bancos semicirculares e retos em concreto armado, de fácil limpeza e aparência discreta, em bom estado de conservação.

A distribuição espacial destes bancos situa-se ao longo do caminho pavimentado, tendo como limite as áreas ajardinadas, localizados de diferentes modos: ao sol e na sombra; isolados ou em grupos; voltados para dentro e para fora do espaço público, em número insuficiente para a demanda de usuários (fotos 1a, b e c).

Foto 1 (a) - Conjunto de bancos no formato de semicírculo com três unidades com encosto, próximo ao açaizal



Fonte: Coutinho/ Moura 2013.

Foto 1 (b) - Conjunto de bancos no formato de semicírculo com três unidades sem encosto, próximo ao trapiche.



Fonte: Coutinho/ Moura 2013.

Foto 1 (c) - Conjunto de bancos no formato retangular com três unidades interligadas e uma unidade isolada, ambas sem encosto. Localizado próximo ao playground.



Fonte: Coutinho/ Moura 2013.

4.3.2 Iluminação

A iluminação de uma praça tem as funções de proporcionar segurança a seus usuários e de manter o valor visual e o conforto do ambiente noturno em níveis semelhantes aos proporcionados pela luz do sol. A distribuição das luminárias deve ser feita de modo a proporcionar aparência homogênea a toda massa de vegetação (DEMATTÊ, 1999).

O entorno da praça é iluminado com postes de alta tensão (Foto 2), a parte central e os caminhos por postes em estilo clássico (Foto 3) e a iluminação baixa seria feita com refletores, com luzes coloridas direcionadas para as árvores (Fotos 4). Avaliou-se que a infraestrutura presente proporciona uma iluminação inadequada e que não valoriza o projeto paisagístico. Somente a iluminação alta está funcionando.

Foto 2 - Iluminação alta da Praça Floriano Peixoto.



Fonte: Coutinho/ Moura 2013.

Foto 3 - Iluminação média da Praça Floriano Peixoto.



Fonte: Coutinho/ Moura 2013.

Foto 4 - Iluminação baixa da Praça Floriano Peixoto.



Fonte: Coutinho/ Moura 2013.

4.3.3 Lixeiras

Demattê (1999) relatou que as lixeiras devem ter aparência discreta e agradável, estando espalhadas a distâncias não maiores que 100m umas das outras. Há dezesseis (16) lixeiras de material plástico espalhadas pela praça, embora a quantidade de lixeiras seja alta não é o suficiente, transbordando com frequência os resíduos. As lixeiras estão distribuídas de uma forma que atenda todos os seus usuários. (Fotos 5 a, b).

Foto 5 (a) - Lixeiras da Praça Floriano Peixoto



Fonte: Coutinho/ Moura 2013.

Foto 5 (b) - Lixeiras da Praça Floriano Peixoto no entorno do lago



Fonte: Coutinho/ Moura 2013.

4.3.4 Telefone público

Há apenas um conjunto com dois (2) telefones públicos na praça, localizados no passeio, na rua General Rondon (Foto 6). Todos estão em bom estado de conservação e funcionamento.

Foto 6 – Telefone público da Praça Floriano Peixoto



Fonte: Coutinho/ Moura 2013.

4.3.5 Piso

O cimentado é material de baixo custo, indicado para muros, muretas, degraus, bancos, piso, etc. Em pisos, o cimento pode ser colorido e receber texturas variadas (ABBUD, 2006).

O piso das passarelas do entorno da praça é de lajotas de cimento 50x50 cm (foto 7 a e b), os dos caminhamentos central são pavimentados com cimento alisado e pintado de coloração avermelhada e azul (Foto 8) e em algumas exceções há a presença de piso somente com cimento alisado (Foto 9). O piso no geral está em bom estado de conservação, somente alguns trechos estão danificados (Foto 10), no piso do entorno do lago foi feito aberturas para vazão das águas pluviais para o lago (Foto 11).

Foto 7 (a) - Aspectos do caminhamento cimentado alisado da Praça Floriano Peixoto com lajota de cimento 50x50cm



Fonte: Coutinho/ Moura 2013

Foto 7 (b) - Aspectos do caminhamento cimentado alisado da Praça Floriano Peixoto 50x50cm



Fonte: Coutinho/ Moura 2013

Foto 8 - Aspectos do caminhamento cimentado alisado da Praça Floriano Peixoto



Fonte: Coutinho/ Moura 2013

Foto 9 - Aspectos do caminhamento da Praça Floriano Peixoto cimentado alisado e pintado



Fonte: Coutinho/ Moura 2013

Foto 10 - Aspectos do caminhamento da Praça Floriano Peixoto cimentado alisado



Fonte: Coutinho/ Moura 2013

Foto 11 - Aspectos do caminhamento com abertura para a vazão das águas pluviais



Fonte: Coutinho/ Moura 2013

4.3.6 Traçado dos Caminhos

Para Demattê (1999), os caminhos levemente ondulados propiciam integração maior com os valores paisagísticos, pois dão a impressão de naturalidade e visualmente são mais agradáveis. A praça possui traçado orgânico e sinuoso e obedece a sua funcionalidade e segurança, visto que estão em boa conservação e permitem acesso a todos os pontos da praça (Foto 12 a, b, c, d, e, f).

Foto 12 (a) – Caminho central da Praça



Fonte: Coutinho/ Moura 2013

Foto 12 (b) - Traçado do caminho do entorno do lago



Fonte: Coutinho/ Moura 2013

Foto 12 (c) - Traçado do caminho com acesso para área do trapiche



Fonte: Coutinho/ Moura 2013

Foto 12 (d) - Aspecto do traçado dos caminhos da Praça, vindo do estacionamento da Rua General Rondon



Fonte: Coutinho/ Moura 2013

Foto 12 (e) - Aspecto do traçado do caminho da Praça próximo ao playground



Fonte: Coutinho/ Moura 2013

Foto 12 (f) - Aspecto do traçado do caminho na parte central da Praça



Fonte: Coutinho/ Moura 2013

4.3.7 Pista de Patinação

A praça dispõe de um espaço destinado para patinação/skatismo. Espaço amplo em formato circular, com arquibancada, situado em um dos extremos da praça, feito de alvenaria, está em bom estado conservação (Foto 13). No entanto, sua localização atual torna-o “isolado” do contexto da praça, pois sua via de acesso, não está no acesso usual dos transeuntes, o que acarreta ser frequentado apenas pelos praticantes das referidas modalidades esportivas.

Foto 13 - Pista de Patinação da Praça Floriano Peixoto



Fonte: Coutinho/ Moura 2013

4.3.8 Lagos

Os lagos da Praça Floriano Peixoto são seus elementos de maior expressão, sendo que estão divididos em dois lagos de tamanhos diferentes e interligados por um tubo (Foto 14). Os lagos possuem níveis diferentes de espelho d'água, devido estar obstruído o tubo de interligação com saco de areia e lixo, provocando qualidade e quantidade de água diferenciada. O lago menor tem suas águas captadas das águas pluviais e do olho d'água (Foto 15 a, b). Visivelmente as águas esverdeadas denunciam o excesso de algas e outros organismos que desqualificam as águas do ponto de vista físico, químico e paisagístico (Foto 16).

Foto 14 – Lago da Praça Floriano Peixoto



Fonte: Coutinho/ Moura 2013

Foto 15 (a)– Lago da Praça Floriano Peixoto detalhe do tubo de ligação dos lagos



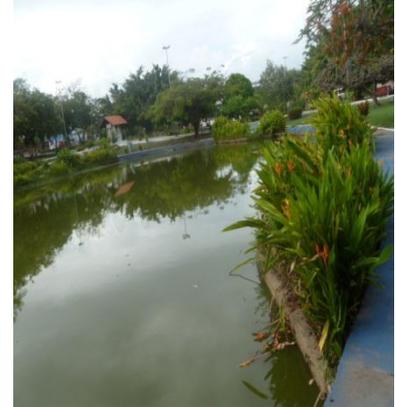
Fonte: Coutinho/ Moura 2013

Foto 15 (b)– Lago da Praça Floriano Peixoto presença de lixo nos lagos



Fonte: Coutinho/ Moura 2013

Foto 16 – Aspecto esverdeado da água do lago da Praça Floriano Peixoto



Fonte: Coutinho/ Moura 2013

4.3.9 Trapiche

Existe um trapiche de acesso aos pedalinhos utilizados como transporte de passeio pela lagoa principal e, também, como atração turística da praça (Foto 17).

Foto 17 - Trapiche da Praça Floriano Peixoto



Fonte: Coutinho/ Moura 2013

a) Condições do trapiche

Atualmente o trapiche está com sua estrutura comprometida, uma vez que a mesma (por se de madeira em contato direto com a água) necessita de manutenção e reparos periódicos, o que não ocorre. Dessa forma torna-se um local perigoso, principalmente para crianças, além de fonte de acidentes e doenças, por sua estrutura servir de criadouro de moluscos (Foto 18 a, b, c, d, e, f).

Foto 18 (a). Aspecto do piso do trapiche da Praça Floriano Peixoto



Fonte: Coutinho/ Moura 2013

Foto 18 (b) - Aspecto da estrutura do trapiche da Praça Floriano Peixoto



Fonte: Coutinho/ Moura 2013

Foto 18 (c). Aspecto da estrutura do trapiche da Praça Floriano Peixoto



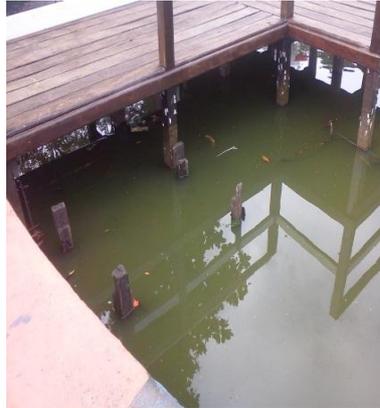
Fonte: Coutinho/ Moura 2013

Foto 18 (d). Aspecto da estrutura do trapiche da Praça Floriano Peixoto



Fonte: Coutinho/ Moura 2013

Foto 18 (e). Aspecto da estrutura do trapiche da Praça Floriano Peixoto



Fonte: Coutinho/ Moura 2013

Foto 18 (f). Sinais da presença de moluscos no lago da Praça Floriano Peixoto



Fonte: Coutinho/ Moura 2013

b) Condições dos Pedalinhos

Os pedalinhos são em número de cinco (5), feitos de fibra de vidro, em forma de cisnes. Encontram-se deteriorados, sem manutenção, parcialmente submersos, atualmente foram recolhidos pela prefeitura. Sua exposição direta as intempéries do tempo e falta de manutenção e reparos periódicos teve como consequência a impossibilidade de uso, resultando em seu abandono e transformação em possível foco da dengue (Foto 19 a, b, c).

Foto19 (a) – Situação atual dos pedalinhos da Praça Floriano Peixoto



Fonte: Coutinho/ Moura 2013

Foto 19 (b) - Aspecto dos pedalinhos da Praça Floriano Peixoto



Fonte: Coutinho/ Moura 2013

Foto 19 (c) - Água parada nos pedalinhos da Praça Floriano Peixoto



Fonte: Coutinho/ Moura 2013

4.3.10 Chafariz

Percebemos a existência de um chafariz, sem funcionamento no centro do lago menor (Figura 31). Não foi encontrada a casa de bomba para o funcionamento do chafariz.

Figura 31 - chafariz em funcionamento na revitalização de 2009



Fonte: Prefeitura Municipal de Macapá
Acesso: 23/02/2013

4.3.11 Playground

Na praça pode-se verificar a presença de um Playground localizado no extremo da praça, esquina da Avenida Antônio Coelho de Carvalho com rua Raimundo Ozanan de Souza.

Em virtude da falta de manutenção e reparos periódicos, os equipamentos feitos de madeira estão em estado de deterioração, danificados e em alguns casos, somente com parte de sua estrutura, tornando-se um lugar de altíssima possibilidade de risco à saúde e à segurança, principalmente para crianças. Sendo assim, tem-se como perdido um espaço de diversão e lazer indisponível àqueles que porventura venham em busca de um lugar seguro para seus bebês e crianças (Foto 20 a, b, c, d, e, f, g).

Foto 20 (a) - Aspecto do Playground da Praça Floriano Peixoto, brinquedo sem manutenção



Fonte: Coutinho/ Moura 2013

Foto 20 (b) - Aspecto do Playground da Praça Floriano Peixoto, brinquedo sem manutenção, parte do escorregador no chão



Fonte: Coutinho/ Moura 2013

Foto 20 (c) - Aspecto do Playground da Praça Floriano Peixoto, brinquedo sem manutenção, detalhe do topo da escada do escorregador



Fonte: Coutinho/ Moura 2013

Foto 20 (d) - Aspecto do Playground da Praça Floriano Peixoto, brinquedo sem manutenção, falta do acento no balanço



Fonte: Coutinho/ Moura 2013

Foto 20 (e) - Aspecto do Playground da Praça Floriano Peixoto, brinquedo sem manutenção, detalhe da gangorra



Fonte: Coutinho/ Moura 2013

Foto 20 (f) - Aspecto do Playground da Praça Floriano Peixoto, detalhe de brinquedo sem manutenção



Fonte: Coutinho/ Moura 2013

4.3.12 Estacionamento

Os estacionamentos projetados para a Praça (Foto 21 a, b) não atendem a demanda. Nas ruas Raimundo Ozanan de Souza e General Rondon há um recuo para o estacionamento. Nas avenidas Antônio Coelho de Carvalho e Pedro Baião os carros são estacionados no entorno da praça sem que haja um recuo da rua (Foto 22).

Foto 21 (a) - Aspecto do estacionamento da praça com acesso pela rua Raimundo Ozanan de Souza



Fonte: Coutinho/ Moura 2013

Foto 21 (b) - Aspecto do estacionamento da praça com acesso pela rua General Rondon



Fonte: Coutinho/ Moura 2013

Foto 22 - Aspecto do estacionamento da praça com acesso pela Av. Antônio Coelho de Carvalho



Fonte: Coutinho/ Moura 2013

4.3.13 Ponto de ônibus e de táxi

Há pontos de táxi e frente ao Hotel Milano. No entanto, não há ponto de ônibus porque não é um ponto ideal devido o fluxo de usuários definido pelo Empresa Municipal de Transportes Urbanos.

4.3.14 Acessibilidade

Embora este item não esteja na lista de De Angelis et al., (2004), é de extrema importância levá-lo em consideração, para promover a inclusão social das pessoas com necessidades especiais. A praça possui rampas em todas as esquinas, as mesmas não se encontram em bom estado de conservação e não há um respeito muito grande pelos frequentadores da praça, pois a passagem nestas rampas está danificada ou com obstáculos.

As rampas de acessibilidade foram construídas na última revitalização da Praça, mas suas estruturas atualmente não estão boas e não oferecem condições

para os usuários (Foto 23 a, b, c, d). As calçadas não estão adequadas para o trânsito de pessoas com dificuldades de locomoção, as árvores estão no centro das calçadas e em vários locais, observa-se a presença das lajotas de cimento em níveis diferentes (Foto 24). Outro detalhe das calçadas é delimitação das mesmas e largura estreita que impossibilita a locomoção (Foto 25). A Praça não respeita as normas de acessibilidade propostas pela NBR 9050.

Foto 23 (a) – Rampa de acessibilidade esquina Av. Antônio Coelho de Carvalho com a rua Raimundo Ozanan de Souza



Fonte: Coutinho/ Moura 2013

Foto 23 (b) - Rampa de acessibilidade esquina Av. Pedro Baião com a rua Raimundo Ozanan de Souza



Fonte: Coutinho/ Moura 2013

Foto 23 (c) - Rampa de acessibilidade esquina Av. Pedro Baião com a rua General Rondon



Fonte: Coutinho/ Moura 2013

Foto 23 (d) - Rampa de acessibilidade acesso pela Av. Pedro Baião



Fonte: Coutinho/ Moura 2013

Foto 24 – Calçadas sem estrutura para o trânsito de pessoas com necessidades especiais



Fonte: Coutinho/ Moura 2013

Foto 25 – a delimitação das calçadas dificulta o trânsito de pessoas na Praça



Fonte: Coutinho/ Moura 2013

4.3.15 Sinalização

A sinalização referente à Praça é percebida pela sinalização informativa e sinalização de trânsito: vertical e horizontal.

a) Sinalização informativa

As sinalizações informativas da praça são poucas e não tão precisas, apenas foram encontradas as de identificação das rampas para deficientes físicos e placas de identificação das ruas e avenidas (Fotos 26 a, b).

Foto 26 (a) – Identificação das rampas para deficientes físicos



Fonte: Coutinho/ Moura 2013

Foto 26 (b) – Placas na esquina com a identificação das ruas/avenidas



Fonte: Coutinho/ Moura 2013

b) Sinalização de Trânsito

b.1) Vertical

As sinalizações informativas da praça são poucas e pouco precisas. Além disso, foram encontradas somente algumas placas de sinalização (Fotos 27 a, b).

Foto 27 (a) - Aspecto da sinalização da Praça Floriano Peixoto



Fonte: Coutinho/ Moura 2013

Foto 27 (b) - Aspecto da sinalização da Praça Floriano Peixoto



Fonte: Coutinho/ Moura 2013

b.2) Horizontal

A sinalização horizontal do entorno da praça é pouca e, parte dela, foi desaparecendo ou ficando menos visível com o decorrer do tempo (Fotos 28 a, b, c).

Foto 28 (a) – Área de estacionamento proibido



Fonte: Coutinho/ Moura 2013

Foto 28 (b) - Área de estacionamento ilegível



Fonte: Coutinho/ Moura 2013

Foto 28 (c) – Sinalização de pare na rua está ilegível



Fonte: Coutinho/ Moura 2013

4.3.16 Banca de Revista

Há uma banca bastante tradicional na praça, porém está desativada e não atende as necessidades dos usuários (Foto 29 a, b).

Foto 29 (a) - Banca de Revista da Praça Floriano Peixoto



Fonte: Coutinho/ Moura 2013

Foto 29 (b) - Banca de Revista da Praça Floriano Peixoto com sinais de abandono



Fonte: Coutinho/ Moura 2013

4.3.17 Trailler de Alimentação

Embora não combine com o estilo da praça, há um “carrinho de lanches” tipo “trailer” que fica localizado na rua Raimundo Ozanan deSouza. Nota-se que o proprietário do comércio em questão mantém o local livre de lixos, desta forma atrai uma clientela fiel (Foto 30 a, b).

Foto 30 (a) - Frente do “Trailler” de lanches localizado na Praça Floriano Peixoto



Fonte: Coutinho/ Moura 2013

Foto 30 (b) - Fundos do “Trailler” de lanches localizado na Praça Floriano Peixoto



Fonte: Coutinho/ Moura 2013

4.3.18 Vegetação e Paisagismo

A presença da vegetação tem uma função ecológica muito importante como a não impermeabilização do solo, uma fauna mais diversificada em áreas vegetadas, melhorias nos clima da cidade e na qualidade do ar, água e solo. A função estética diz respeito à diversificação da paisagem construída e o embelezamento da cidade (GUZZO, 2005).

A praça conta com uma vasta arborização, que promove uma beleza natural excelente para o local. Quanto ao paisagismo, verifica-se que as forrações nunca são renovadas, plantadas aleatoriamente, causando conflitos com as espécies já implantadas no local. Em algumas áreas a concentração maciça arbórea impede a incidência da insolação não permitindo o crescimento da cobertura do solo.

Foto 31 (a) – Aspectos da arborização, concentração próxima ao ringue de patinação



Fonte: Coutinho/Moura 2013

Foto 31 (b) - Aspectos da forração sem a incidência do sol



Fonte: Coutinho/Moura 2013

Foto 31 (c) – Variação de vegetação, açazal próximo ao lago



Fonte: Coutinho/Moura 2013

Foto 31 (d) - Canteiro que compõe o paisagismo da Praça Floriano Peixoto



Fonte: Coutinho/Moura 2013

Foto 31 (e) - Canteiro que compõe o paisagismo da Praça Floriano Peixoto



Fonte: Coutinho/Moura 2013

Foto 31 (f) - Aspectos da forração do piso e o canteiro delimitado com pneu e sem manutenção da vegetação



Fonte: Coutinho/Moura 2013

4.3.19 Conservação e Limpeza

Embora eventualmente seja realizada a limpeza e a conservação da praça, foi detectado muito lixo fora das lixeiras, quer seja jogado pela população (Foto 32 a, b) ou lixo produzido pelo próprio meio, que não foi retirado por falta de uma limpeza diária (Foto 33). Percebe-se que, até mesmo quando a prefeitura faz a limpeza e manutenção, não é feita a retirada imediata dos entulhos (Foto 34 a, b, c).

Foto 32 (a) – Lixo deixado na praça e sem coleta



Fonte: Coutinho/ Moura 2013

Foto 32 (b) – Lixo deixado por usuários da praça



Fonte: Coutinho/ Moura 2013

Foto 33 – Lixo produzido pelo meio e deixado por usuários



Fonte: Coutinho/ Moura 2013

Foto 34 (a) - Aspectos da praça com entulho no caminhamento no entorno do lago, após o processo de limpeza e conservação



Fonte: Coutinho/ Moura 2013

Foto 34 (b) - Aspectos da praça com entulho no estacionamento, após o processo de limpeza e conservação



Fonte: Coutinho/ Moura 2013

Foto 34 (c) - Aspectos da praça, após o processo de limpeza e conservação



Fonte: Coutinho/ Moura 2013

4.3.20 Segurança

As pessoas entrevistadas alegam que a segurança na área da praça é precária, causando medo aos que por ali residem e transitam, temendo circular pela praça e serem assaltados.

Os entrevistados atribuem à falta de segurança na praça a iluminação precária, proporcionando escuridão no período da noite, em certas áreas, e também a vegetação alta e espessa em determinados trechos, o que auxilia na ação de pessoas que venham a cometer delitos.

Outro fator atribuído pelos usuários e moradores da praça é a ausência a ausência dos Guardas Municipais e a desativação da guarita da Guarda Municipal, no local (Foto 35).

Foto 35 – Guarita destinada a Guarda Municipal de Macapá



Fonte: Coutinho/ Moura 2013

4.3.21 Conforto Ambiental

A vegetação abundante espalhada pela praça Floriano Peixoto, combinada com a umidade advinda dos lagos, possibilita um conforto térmico aos usuários (Foto 36).

Foto 36 – Arborização e paisagismo da praça



Fonte: Coutinho/Moura 2013

4.3.22 Outros Aspectos

Apesar de muitos dos entrevistados relatarem que a praça em questão é a mais bem cuidada da cidade, durante os levantamentos foram observados (e também, muito relatado pelos usuários da praça) a falta de sanitários, bebedouros, espelho d'água, quadra esportiva e equipamentos para exercícios físicos e parque infantil.

A praça é deficiente em estruturas para promover a prática de exercícios físicos à população, tanto para a terceira idade como para o público infantil.

4.4 ANÁLISE QUALI-QUANTITATIVA DA ARBORIZAÇÃO

A praça possui árvores e açazal, a maior parte delas é de grande porte e proporciona sombra e bem estar àqueles que frequentam o local.

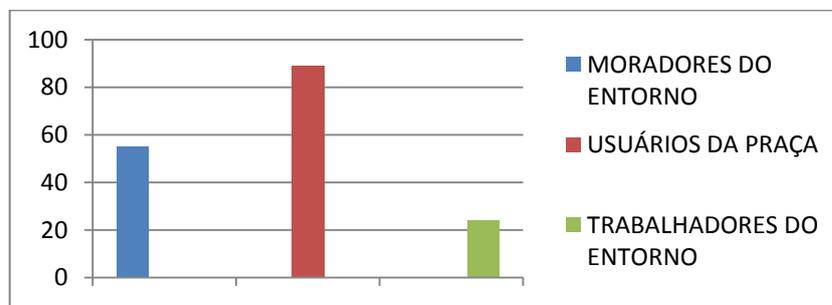
4.5 LEVANTAMENTO PLANIMÉTRICO

O mapa planimétrico fornecido pela SEMAM possibilita a visualização de todos os caminhos da Praça Floriano Peixoto e a localização das espécies arbóreas.

4.6 PESQUISA DE OPINIÃO

A pesquisa foi realizada no período de 07 a 13 de Fevereiro de 2013, nos períodos: matutino, vespertino e noturno. Foi entrevistado um total de 168 pessoas: 55 moradores do entorno (33%), 89 usuários da praça (53%) e 24 trabalhadores do entorno da praça (14%).

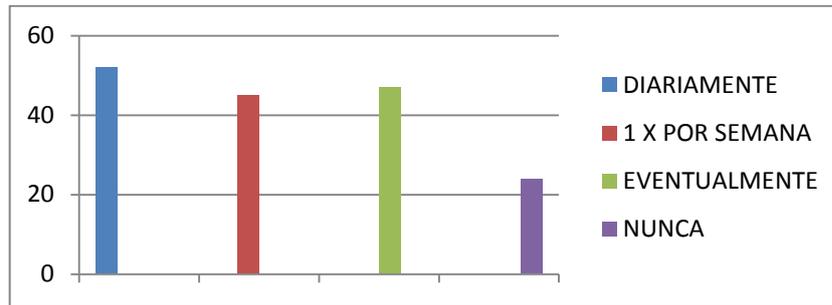
GRÁFICO 1 - FREQUENTADORES DA PRAÇA ENTREVISTADOS.



Fonte: acervo da equipe de trabalho 2013

O grupo de entrevistados consiste em 55 ou 33% de moradores do entorno, 89 ou 53% de usuários da praça e 24 ou 14% de trabalhadores do entorno.

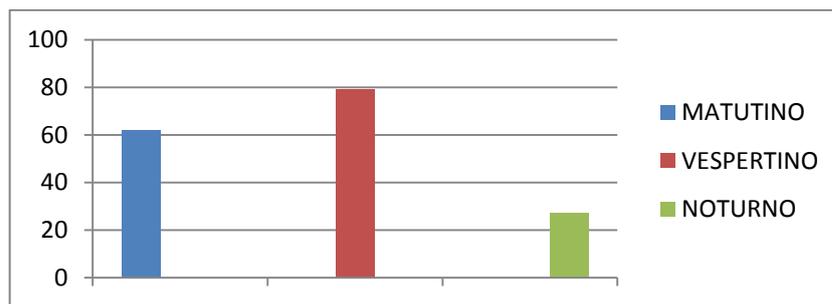
GRÁFICO 2 - FREQUÊNCIA NA PRAÇA



Fonte: acervo da equipe de trabalho 2013

Em relação à frequência na praça, a pesquisa constatou que dos 168 entrevistados 52 ou 31% frequentam diariamente, 45 ou 27% frequentam apenas uma vez por semana, 47 ou 28% passam eventualmente e 24 ou 14% são moradores e trabalhadores que nunca vão à praça.

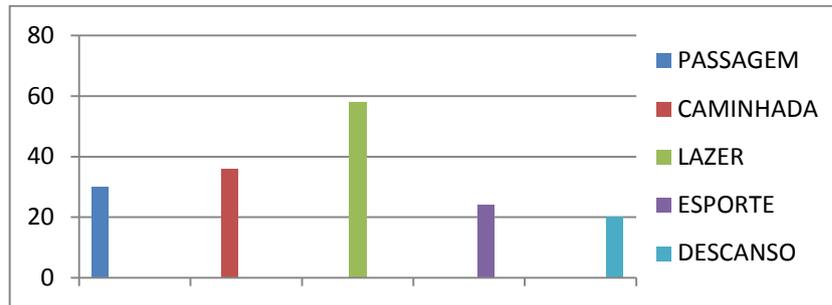
GRÁFICO 3 - HORÁRIO QUE FREQUENTAM A PRAÇA



Fonte: acervo da equipe de trabalho 2013

O fluxo de pessoas é de 62 ou 37% no turno da manhã, 79 ou 47% no turno da tarde e 27 ou 16% no turno da noite. Uma das justificativas do baixo número de usuários no turno da noite é a falta de segurança e falta de iluminação que está comprometida por depredação e falta manutenção das luminárias.

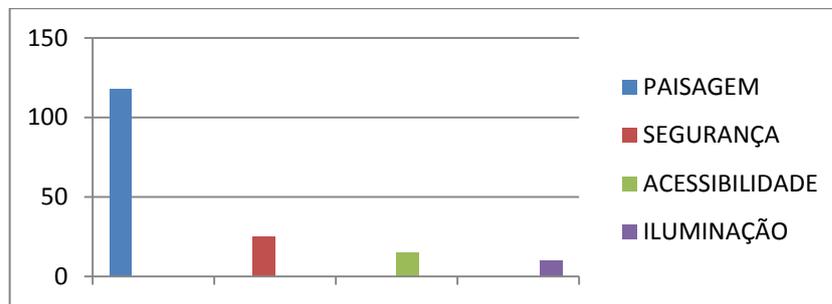
GRÁFICO 4 - O USO DA PRAÇA



Fonte: acervo da equipe de trabalho 2013

Quanto ao uso da praça, 30 ou 18% dos entrevistados a usam como ponto de passagem (atalho), 36 ou 21% a utilizam como espaço para caminhada, 58 ou 35% utilizam a praça para lazer, 24 ou 14% a usam para prática de esportes (patinação e skatismo) e 20 ou 12% dos pesquisados procuram à praça para descanso, no horário de almoço e após o horário de trabalho e saída da escola.

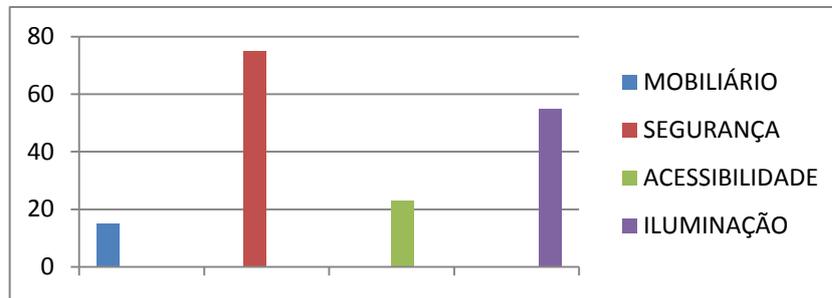
GRÁFICO 5 - ASPECTOS POSITIVOS DA PRAÇA FLORIANO PEIXOTO ELENCADOS PELOS ENTREVISTADOS



Fonte: acervo da equipe de trabalho 2013

Quando perguntado aos entrevistados o seu ponto de vista em relação aos aspectos positivos que a Praça Floriano Peixoto proporciona, 118 ou 70% consideram que o que mais chama atenção é a paisagem, as árvores e a tranquilidade que o espaço proporciona, 25 ou 15% sentem-se seguros ao fazer suas atividades, 15 ou 9% avaliam a acessibilidade da praça como boa e 10 ou 10% gostam da iluminação disponível.

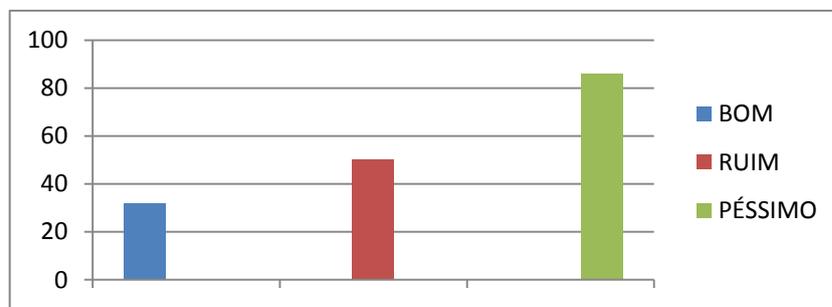
GRÁFICO 6 - ASPECTOS NEGATIVOS DA PRAÇA FLORIANO PEIXOTO ELENCADOS PELOS ENTREVISTADOS



Fonte: acervo da equipe de trabalho 2013

Em relação aos aspectos negativos da Praça Floriano Peixoto elencados pelos entrevistados, 15 ou 9% consideram o mobiliário (bancos e telefones) inadequados, 75 ou 44% apontam a falta de segurança como principal elemento negativo, para 23 ou 14% dos entrevistados a acessibilidade é prejudicada devido ao péssimo estado do piso e suas mudanças abruptas de nível, outros 55 ou 33% referem-se à iluminação como precário, dificultando a caminhada e a permanência na praça no período da noite.

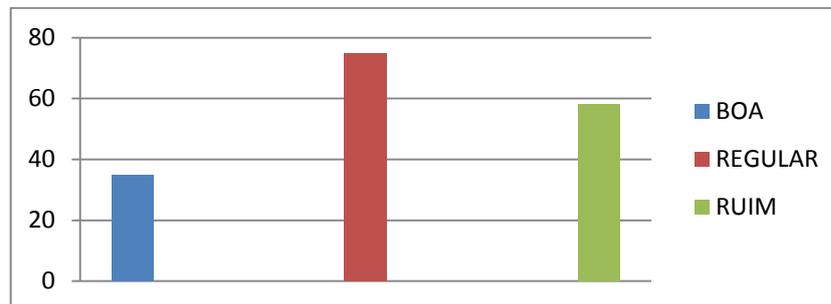
GRÁFICO 7 - SEGURANÇA



Fonte: acervo da equipe de trabalho 2013

Em relação à segurança, 32 ou 19% dos entrevistados a aprovam e a consideram boa, 50 ou 30% apontam como ruim e 86 ou 51% atribuem o conceito de péssima a segurança na praça, julgando-a extremamente perigosa e que não se sentem seguras ao transitar pela praça. Os usuários questionam a desativação do posto da Guarda Municipal de Macapá, segundo os entrevistados eles sentiam-se mais seguros em fazer suas atividades diárias na praça.

GRÁFICO 8 - ESTRUTURA FÍSICA DA PRAÇA FLORIANO PEIXOTO



Fonte: acervo da equipe de trabalho 2013

A estrutura física da Praça Floriano Peixoto encontra-se em condições regulares. Onde, 35 ou 21% dos entrevistados consideram a estrutura física boa, 75 ou 45% regular e 58 ou 34% ruim. De acordo com os dados obtidos a maioria ressaltou a necessidade de implantação de banheiros públicos e uma melhor manutenção do local, como: a grama, pintura dos bancos e reforma dos brinquedos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os espaços públicos construídos transformam-se constantemente, interferindo na paisagem e seus elementos compositivos, principalmente nas praças, uma vez que possuem um papel interativo e dinâmico, ora atuando como elemento funcional, ora atuando como elemento estético na paisagem urbana, provocando sua ressignificação de sentido, de função, de contexto e de estruturação.

A Praça Floriano Peixoto, em Macapá, não está excluída desta realidade, e também sofreu com as transformações dos espaços públicos diante das adequações às exigências do desenvolvimento urbano, conforme demonstrado em seu levantamento histórico, em consonância com o conjunto de elementos que compõem a paisagem urbana, que por vezes tende a assumir a função de testemunhos de valores, fatos e recordações, da condição humana e da arquitetura que representam a história viva da cidade.

Apesar de sua estrutura ser diferenciada das outras praças macapaenses, de ter em sua composição áreas que possibilitam oportunidades para ações de lazer, descanso, contemplação e convivência, com seus lagos, sua pista de esportes radicais, suas ilhas de vegetação (arbustos e árvores frutíferas que produzem sombra), sua ambientação agradável e sua composição paisagística singular, a Praça Floriano Peixoto não goza de fluxo e de uso compatíveis com suas características, mesmo estando localizada numa área central, próxima de comércios, shopping-center, pontos turísticos, edifícios institucionais, residências, além do alto fluxo de veículos.

Segundo Severino (2007), a percepção de uma situação problemática que envolve um objeto é fator que desencadeia a indagação científica, por isso não foi possível alhear-se à situação de desimportância e desuso da Praça Floriano Peixoto, provocando o questionamento sobre os fatores que influenciavam a referida situação e, conseqüentemente, a partir-se em busca por uma solução ao serem identificados, uma vez que somente sua estética não está sendo o suficiente como atrativo.

Considerando-se que a praça seja um medidor social natural, que reflete o comportamento e os interesses dos seus usuários e transeuntes, não é viável lograr-se de consultar aqueles que realmente usufruem dela, verificando a relação destes com seus elementos compositivos, assim como sua situação estrutural. Portanto, a fim de obter-se um diagnóstico real sobre a Praça Floriano Peixoto, fez-se necessário um contato direto com os usuários e os transeuntes, além de investigação quali-quantitativa de entorno e de seus elementos que a compunham.

A partir das análises realizadas pode-se concluir que o esvaziamento da Praça Floriano Peixoto não tinha como rivais seu entorno ou seus usuários e transeuntes, mas sim fatores de ordem interna e externa. No âmbito interno, verificou-se que seus elementos compositivos não estavam em condições de atender as necessidades de seus usuários, seja por falta de manutenção, por deterioração ou por inadequação, por falta de acessibilidade inclusiva, causando desconforto, dificuldade de mobilidade, risco de acidentes, falta de opção e, até mesmo não percepção, que se encontram na praça. Quanto à questão externa, verificou-se a ausência de serviços básicos como falta de policiamento e de manutenção e reparo do mobiliário urbano, possibilitando a ocorrência de delitos em determinados horários, acarretando insegurança aos usuários e transeuntes.

Todo diagnóstico sem prognóstico perde sua utilidade, portanto em resposta à problemática da Praça Floriano Peixoto e à extinção dos fatores que a originaram foi proposto um projeto de intervenção e revitalização, reordenando seu espaço, incluindo novos elementos (palco para shows, pontes, lanchonete, restaurante, monumento, área de grafiteagem, área de convivência, banheiro público) remodelando áreas de interesses específicos (playground, pista de esportes radicais, lagos, ilhas de vegetação, estacionamentos, seus pisos, seus acessos). Desta forma, pretende-se que a Praça Floriano Peixoto torne-se referência na malha urbana de Macapá, enquanto elemento urbanístico, na qual seu uso e sua apropriação pelos diversos agentes sociais estejam compatíveis com suas funções coletiva e multifuncional, integradas aos fundamentos contemporâneos que as cidades exigem, onde a acessibilidade deve ser vista como parte de uma política de mobilidade urbana que promova a inclusão social, a equiparação de oportunidades e o exercício da cidadania.

6 REFERÊNCIAS

- ABBUD, B. Criando paisagens – Guia de trabalho em arquitetura. 3. ed. São Paulo: Senac, 2006. p. 1-6.
- ALEX, Sun. Projeto da praça: convívio e exclusão no espaço público. São Paulo: Editora SENAC, 2008.
- ARAGÃO, F. Praça dos Três Poderes. – Disponível em: http://www.flickr.com/praca_dos_tres_poderes.aspx. Acesso: 24/02/2013
- BRANDÃO, P.; REMESSAR, A. Design Urbano Inclusivo: uma experiência de projeto em Mirvila “Fragmentos e Nexos”. CPD: Lisboa, 2004.
- BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988: atualizada pela Emenda Constitucional 45/2004. ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2012.
- BRASIL. Ministério das Cidades. Cartilha da Política de Mobilidade Urbana: construindo a cidade acessível. Brasília: DF, 2006. Volume 2, 167 p.
- CALDEIRA, J. A Praça Brasileira: trajetória de um espaço urbano – origem e modernidade, Departamento de História, Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, Brasil, 2007.
- CÂMARA MUNICIPAL DE SALVADOR. Praça Municipal de Salvador. – Disponível em: http://www.csm.ba.gov.br/memorial_praça_municipal.aspx. Acesso: 24/02/2013.
- CARR, S.; FRANCIS, M.; RIVLIN, L. G.; STONE, A.M. Public space: environment and behavior. In: HULSMAYER, Alexander Fabbri et al. A paisagem urbana como herança cultural: a praça Santos Dumont, Umuarama, Estado do Paraná, Brasil. Acta Scientiarum Technology Maringá, v. 33 n. 2, p. 113-121, 2011.
- CASTELLAN, G. R. (2012). Ágora. – Disponível em: <http://www.klepsidra.net/klepsidra26/agora.htm>. Acesso: 24/02/2013.
- CHIUSOLI, A. (1995). Parchi e giardini – progettazione, Enciclopédia Agrária Italiana. Roma: R.E.D.A., v. VIII Conferência de Estocolmo – Disponível em: <http://www.unep.org/Documents.Multilingual/Default.asp?DocumentID=97> Acesso: 24/02/2013.
- DE ANGELIS, B. L. D. A praça no contexto das cidades – o caso de Maringá, PR. 2000. 366f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2000.
- DE ANGELIS, Bruno Luiz Domingues et al. **Praças: História, Usos e Funções**. Editora da Universidade de Maringá - Fundamentum, 2005.
- DE ANGELIS, Bruno Luiz Domingues et al. Metodologia para levantamento, cadastramento, diagnóstico e avaliação de praças no Brasil. Engenharia Civil, Guimarães, Portugal, n. 20, p. 57-70, 2004.

DEMATTÊ, M. E. S. P. **Princípios de paisagismo**. 2 ed. Jaboticabal, SP: Funep, 1999. 101 p.

FERRARA, L. **Ver a Cidade**. São Paulo: Nobel, 1993.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar Projetos de Pesquisa**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1991.

GIMENES, Renata. Análise histórico-cultural, paisagística e quali-quantitativa dos elementos arquitetônicos da Praça Sete de Setembro, RIBEIRÃO PRETO, SP. Dissertação à Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias – Unesp, Campus de Jaboticabal como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Agronomia (Produção Vegetal). JABOTICABAL – SÃO PAULO – BRASIL. Março – 2010.

GOITIA, F. C. Breve História do Urbanismo. Editorial Presença: Lisboa, 2006.

GOMES, Marcos Antônio Silvestre. **As praças de Ribeirão Preto-SP: uma contribuição geográfica ao planejamento e à gestão dos espaços públicos**. 204 f. 2005. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Geografia. Uberlândia, 2005.

GUZZO, P. **Áreas verdes urbanas: conceitos e definições**. Disponível em: <<http://educar.sc.usp.br/biologia/prociencias/areasverdes.html>>. Acesso em: 23 fev. 2005.

HALPRIN, L. **Cities**. In: HULSMAYER, Alexander Fabbri et al. A paisagem urbana como herança cultural: a praça Santos Dumont, Umuarama, Estado do Paraná, Brasil. Acta Scientiarum. Technology Maringá, v. 33 n. 2, p. 113-121, 2011.

HULSMAYER, Alexander Fabbri et al. A paisagem urbana como herança cultural: a praça Santos Dumont, Umuarama, Estado do Paraná, Brasil. Acta Scientiarum. Technology Maringá, v. 33 n. 2, p. 113-121, 2011.

IBGE Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 2012. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/macapá/topwindow.htm?1>>. Acesso em: 20 fev. 2013.

LAMAS, J. M. M. R. G. **Morfologia Urbana e Desenho da Cidade**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2007.

LIMA, E. F. W.; MALEQUE, M. R. **Espaço e cidade: conceitos e leituras**. 2ª ed., Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007. p. 12.

LIRA FILHO, J. A. **Paisagismo: elementos de composição e estética**. Viçosa, MG: Aprenda Fácil, 2007. 231 p. 194 p. (Coleção jardinagem e paisagismo. Série planejamento paisagístico; v.2)

LORENZI, H.; SOUZA, H.M. **Plantas ornamentais no Brasil: arbustivas, herbáceas e trepadeiras**. São Paulo: Plantarum, 2001. 720 p.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2006. p. 1.

MENEGUETTI, K; REGO, R.; PELEGRINO, P. R. M. A natureza no cotidiano urbano: o projeto da paisagem na cidade de Maringá. **Acta Scientiarum. Technology**, v. 27, n. 2, p. 167-173, 2005.

MILANO, M. S.; DALCIN, E. C. Arborização de vias públicas. Rio de Janeiro, RJ: Light, 2000. 226 p.

MORAES, C. Praça XV de Novembro. Disponível em: orioantigamente.blogspot.com.br/2011/02/Praca_XV.html Acesso em 24 de fev 2013.

NUCCI, João Carlos. **Qualidade ambiental e adensamento urbano**: um estudo de ecologia e planejamento da paisagem aplicado ao distrito de Santa Cecília (MSP). 2ª ed. Curitiba: O Autor, 2008. 150 p. Disponível em: http://www.geografia.ufpr.br/laboratorios/labs/arquivos/qldade_amb_aden_urbano.pdf Acesso em: 24 fev. 2013.

PIVETTA, K. F. L., PAIVA, P. D. O., NERI, F. C. S. Paisagismo em grandes espaços. In: PAIVA, P. D. O. Paisagismo: conceitos e aplicações. Lavras: UFLA, 2008. p. 179-211.

PORTO, T. Ágora. Disponível em: <http://poraivagem.blogspot.com.br/2012/06/agora.html>. Acesso em: 24 fev. 2013.

QUEIROGA, E. F. Notas sobre algumas “praças” contemporâneas: o design na paisagem. PAISAGENS EM DEBATE revista eletrônica da área Paisagem e Ambiente, FAU.USP - n. 01, dezembro 2003

ROBBA, F.; MACEDO S. S. **Praças Brasileiras**. Edusp. Imprensa Oficial: São Paulo, 2003.

SEVERINO, A.J. Metodologia do trabalho Científico. – 23. ed. rev. e atual. São Paulo : Cortez, 2007.

SILVEIRA, G., BARROS, M.V.F. Perfil Geoambiental de Praças: Região Norte da Cidade de Londrina-Pr. In Revista Semina. Ed. da UEL Londrina, 2002.

SOUZA, B. A. A. Análise da utilização pelos usuários de duas praças em Betim-MG. 2005. 53f. (Trabalho de Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Lavras, Lavras, MG, 2005.

ZUCKER, P. (1959) Town and square: from the agora to the village green. In: HULSMeyer, Alexander Fabbri et al. A paisagem urbana como herança cultural: a praça Santos Dumont, Umuarama, Estado do Paraná, Brasil. Acta Scientiarum. Technology Maringá, v. 33 n. 2, p. 113-121, 2011.

7 ANEXO

ANEXO I - FORMULÁRIO PARA LEVANTAMENTO QUANTITATIVO DOS ELEMENTOS ARQUITETÔNICOS DA PRAÇA FLORIANO PEIXOTO, MACAPÁ – AP (ADAPTADO DE ANGELIS ET AL., 2004).

Nome da praça:				
Localização:				
Forma geométrica:				
<input type="checkbox"/> quadrangular <input type="checkbox"/> sinuosa <input type="checkbox"/> circular <input type="checkbox"/> retangular <input type="checkbox"/> outra				
Data do levantamento: ___/___/___				
Levantamento efetuado por:				
	Equipamentos/Estruturas	Sim	Não	Quantidade
1.	Bancos			
2.	Iluminação: alta			
3.	Iluminação: média			
4.	Iluminação: baixa			
5.	Lixeiras			
6.	Sanitários			
7.	Telefone público			
8.	Bebedouros			
9.	Caminhos			
10.	Palco			
11.	Coreto			
12.	Escultura			
13.	Pergolado			
14.	Obra-de-arte: monumento			
15.	Obra-de-arte: estátua			
16.	Obra-de-arte: busto			
17.	Espelho d'água			
18.	Chafariz			
19.	Estacionamento			
20.	Ponto de ônibus			
21.	Ponto de táxi			
22.	Quadra esportiva			
23.	Equipamentos para prática de exercícios físicos			
24.	Estrutura para a terceira idade			
25.	Equipamentos para recreação infantil			
26.	Equipamentos para recreação infantil			
27.	Banca de revista			
28.	Quiosque de alimentação ou similar			
29.	Identificação			
30.	Edificação institucional			
31.	Templo religioso			
32.	Outros			

ANEXO II - FORMULÁRIO PARA LEVANTAMENTO QUALITATIVO DOS ELEMENTOS ARQUITETÔNICOS DA PRAÇA FLORIANO PEIXOTO, MACAPÁ – AP (ADAPTADO DE ANGELIS ET AL., 2004.

Nome da praça:			
Localização:			
Data do levantamento: ___/___/___			
Levantamento efetuado por:			
	ESTRUTURAS AVALIADAS	NOTA	AUSÊNCIA
1.	Bancos		
2.	Iluminação alta		
3.	Iluminação média		
4.	Iluminação baixa		
5.	Lixeiras		
6.	Sanitários		
7.	Telefone público		
8.	Bebedouros		
9.	Piso		
10.	Traçado dos Caminhos		
11.	Palco		
12.	Coreto		
13.	Escultura		
14.	Pergolado		
15.	Obra-de-arte: monumento		
16.	Obra-de-arte: estátua		
17.	Obra-de-arte: busto		
18.	Espelho d'água		
19.	Chafariz		
20.	Estacionamento		
21.	Ponto de ônibus		
22.	Ponto de táxi		
23.	Quadra esportiva		
24.	Equipamentos para prática de exercícios físicos		
25.	Estrutura para a terceira idade		
26.	Parque infantil		
27.	Banca de revista		
28.	Quiosque de alimentação ou similar		
29.	Vegetação		
30.	Paisagismo		
31.	Localização		
32.	Conservação/Limpeza		
33.	Segurança		
34.	Conforto ambiental		
35.	Outros		

ANEXO III - QUESTIONÁRIO PARA TRANSEUNTES E USUÁRIOS DA PRAÇA FLORIANO PEIXOTO, MACAPÁ – AP (ADAPTADO DE ANGELIS ET AL., 2004).

1. Idade: () 0 – 20 () 21 – 40 () 41 – 60 () Mais de 60
2. Sexo: () M () F
3. Nível escolar: () Fundamental () Médio() Superior
4. Atividade ocupacional: () Trabalhador() Estudante() Aposentado() Dona de casa() Desempregado
5. Você frequenta essa praça? () Sim () Não - Por quê?
6. Quais dias da semana você vai à praça? () Durante a semana () Sábado () Domingo () Feriado
7. Em que período você vai com mais frequência à praça? () Manhã () Tarde () Noite
8. Em média, qual é o seu tempo de permanência na praça?
9. Qual (is) o motivo que o leva à uma praça? () Tomar sol () Levar criança () Caminhar () Ler () Descansar () Praticar esporte () Outros
10. O que você mais aprecia e menos aprecia no local?
11. O que você acha que é necessário melhorar nas praças que frequenta?
11. O que você acha que é necessário melhorar nas praças que frequenta?
12. Qual é a sua opinião sobre as praças da sua cidade?
13. Qual a mudança na infraestrutura da praça, no decorrer dos anos? () Melhorou () Piorou - Por quê?
14. Conhece o nome dessa praça?
15. Conhece a história dessa praça?